

**UNITAU**

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ SP**

**Rogério Gonçalves dos Santos**

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE  
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS DE TEXTOS  
RELIGIOSOS**

**Taubaté - SP**

**2018**

**Rogério Gonçalves dos Santos**

**UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE  
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS DE TEXTOS  
RELIGIOSOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientação: Profa. Dra. Elisabeth Ramos da Silva

**Taubaté – SP**

**2018**

**Rogério Gonçalves dos Santos**

**UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE INTERPRETAÇÃO  
EM LIBRAS DE TEXTOS RELIGIOSOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Linguística  
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Data: 18/04/2018

Resultado: aprovado

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dr<sup>a</sup>. Elisabeth Ramos da Silva - Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Professora Dr<sup>a</sup>. Maria José Milharezi Abud - Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Professor Dr. Fernando César Capovilla, Ph.D. – USP

Assinatura: 

Dedico este trabalho à minha esposa e filhos, que sempre me acompanharam e foram fonte de incentivo e motivação em todos os momentos de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Elisabeth Ramos da Silva, pela orientação paciente e pela valorosa e inestimável colaboração ao meu trabalho.

À Profa. Dra. Maria José Milharezi Abud que, com suas palavras, carinho, e acolhimento, me deu forças para prosseguir em meu trabalho.

À Professora Dra. Eliana Vianna Brito Kozma, pela serenidade e profundo saber.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira que me apoiou com seu profundo conhecimento, vivência e amizade.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi, sempre incentivando e corrigindo.

Ao Prof. Dr. Fernando César Capovilla, pelo valoroso trabalho em favor dos surdos e pela Libras, e que muito me honra com sua amizade.

Aos companheiros de sala de aula que tornaram mais clara e recheada de alegrias esta caminhada.

À UNITAU e a todos os funcionários dedicados e sempre solícitos.

Ao IFSP Campus Jacareí SP, objetivo final da minha formação e mantenedor deste meu curso.

“Temos o direito a sermos iguais quando a  
diferença nos inferioriza. Temos o direito a  
sermos diferentes quando a igualdade nos  
descaracteriza”

-Boaventura de Sousa Santos-

## RESUMO

A interpretação/tradução entre as duas modalidades de língua, a Língua Portuguesa, oral auditiva, e a Libras, em sinais, trazem à tona grandes dificuldades, dado que as referências acadêmicas são escassas quanto a procedimentos e técnicas para lidar com gêneros textuais ou discursivos na modalidade sinalizada, especialmente de textos religiosos. Neste trabalho, discutem-se questões metodológicas sobre procedimentos de interpretação/tradução da Língua Portuguesa para a Libras, de textos considerados religiosos, tendo como foco as características e peculiaridades desse processo, que envolve tanto a natureza do texto quanto o papel do intérprete. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é propor um método didático de tradução da Língua Portuguesa para a Libras, levando em conta características capazes de facilitar ou dificultar esse processo quando se trata das figuras de linguagem, especialmente a metáfora. Para isso, inicialmente são esclarecidas as possibilidades tradutórias atualmente aceitas pela comunidade de surdos e intérpretes, bem como são analisados os possíveis resultados de compreensão ou assimilação pelos participantes da interação quando o texto envolve tal figura de linguagem. São também consideradas as experiências e resultados práticos cotidianos adquiridos na atuação como tradutor e docente em Libras, e algumas técnicas que ensejaram a criação de uma ferramenta facilitadora das ações tradutórias. Como base teórica, estão as contribuições de autores como Quadros (1997); Ferreira (2010); Capovilla, Raphael e Maurício (2013), entre outros. Este estudo privilegia uma abordagem interpretativa com base na distinção entre a teoria da tradução literal e a da tradução livre. Tal método didático poderá contribuir para o trabalho do profissional intérprete, promovendo um maior respeito à língua dos surdos e às suas características linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua brasileira de sinais. Interpretação. Tradução literal. Tradução livre. Metáfora.

## ABSTRACT

The interpretation / translation between the two modalities of language, the Portuguese language, auditory-oral and Libras, by signs, bring to the fore great difficulties, since the academic references are scarce as to procedures and techniques to deal with textual or discursive genres by sign modality, especially of religious texts. In this work, methodological questions about procedures of interpretation / translation between the Portuguese language and Brazilian sign language, of texts considered religious, are discussed, focusing on the characteristics and peculiarities of this process, which involves both the nature of the text and the role of the interpreter. Therefore, the objective of this work is to propose a didactic method of translation of the Portuguese language into Libras, taking into consideration characteristics capable of facilitating or hindering this process when dealing with language figures, especially metaphor. Therefore, the translation possibilities currently accepted by the deaf and interpreting community are clarified, as well as the possible results of understanding or assimilation by the participants of the interaction when the text involves such figures of language are analyzed. The daily experiences and practical results acquired in the work as translator and teacher in Libras are considered, and some techniques that have led to the creation of a tool that facilitates the translation actions. As a theoretical basis, the contributions of authors such as Ferreira (2010); Quadros (1997); Capovilla, Raphael, Mauricio (2013), among others. This study favors an interpretive approach based on the distinction between the theory of literal translation and that of free translation. It was possible to verify that, as far as the result of the translation is concerned, both non-deaf Libras or deaf learners were very receptive to approaches that involved aspects of language figures. Therefore, such didactic method can contribute to the work of the professional interpreter, promoting a greater respect to the language of the deaf and its linguistic characteristics.

**KEYWORDS:** Brazilian Sign Language. Interpretation. Literal translation. Free translation. Metaphor.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1    CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	19
1.1 A Língua brasileira de sinais: marcos legais e conceituais .....	28
1.2 Tradução livre x tradução literal .....	31
1.3 Relação Libras/Português.....	35
1.4 O Sistema de Transcrição para a Libras.....	37
2    CAPÍTULO 2: AS METÁFORAS E A LIBRAS .....	40
2.1 A metáfora Conceptual .....	41
2.2 As metáforas nas Línguas de Sinais.....	43
2.3 As metáforas de Cristo na Libras.....	49
3    CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRADUÇÃO.....	52
3.1 Caso de tradução não literária .....	53
3.2 Casos de tradução literária .....	59
3.3 Regras básicas para interpretação em Libras. ....	76
CONCLUSÕES.....	79
REFERÊNCIAS .....	82

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language.
1d, 2d, 3d	Convenção de escrita em Libras: 1º, 2º, 3º pessoas do dual.
1p, 2p, 3p	Convenção de escrita em Libras: 1º, 2º, 3º pessoas do plural.
1s,2s,3s	Convenção de escrita em Libras: 1º, 2º, 3º pessoas do singular.
@	Convenção de escrita em Libras: Desinências nominais que indicam flexão de gênero e número.
^	Convenção de escrita em Libras: Dois ou mais sinais compondo um único sinal em Libras.
md, me, D, E	Convenção de escrita em Libras: (md) Mão direita, (me) mão esquerda, (D) direita, (E) esquerda
p1, p2, p3	Convenção de escrita em Libras: (p1) ponto próximo à primeira pessoa, (p2) à segunda pessoa, (p3) à terceira pessoa.
Libras	Língua brasileira de sinais.
CL	Parâmetro da Libras: Classificadores.
CM	Parâmetro da Libras: Configuração de Mão.
D	Parâmetro da Libras: Direção.
EF	Parâmetro da Libras: Expressão Facial.
ENM	Parâmetro da Libras: Expressão Não Manual.
M	Parâmetro da Libras: Movimento.
OM	Parâmetro da Libras: Orientação da Mão.
PA	Parâmetro da Libras: Ponto de Articulação.
S-V-O	Sujeito, verbo, objeto.
TILS	Tradutor e Intérprete em Línguas de Sinais

## INTRODUÇÃO

Em um mundo tecnologicamente orientado para a automatização, rapidez, eficiência e precisão, deparamo-nos com muitas situações em que se imagina que as ações humanas possam ser executadas ou imitadas por algum tipo de modelo robótico. Mas, no que diz respeito aos processos de tradução/interpretação (especialmente num contexto pedagógico e/ou religioso), convém perguntar: as figuras de linguagem não seriam um modo especial de evidenciar os limites dos processos informatizados, isto é, evidenciar a fronteira entre o humano e a máquina no processo de comunicação? Qual a técnica mais adequada quando se trata da interpretação entre duas modalidades diferentes de línguas?

A interpretação da comunicação não verbal (em língua de sinais) revela sua limitação quando entram em jogo figuras como as metáforas, que são encontradas de um modo especial nos textos religiosos. Como intérpretes profissionais na Pastoral dos Surdos da Igreja Católica, somos constantemente desafiados por essas duas dimensões do texto: o hermetismo/sacralidade do texto religioso e os desafios/possibilidades de tradução do Português para Libras, e vice-versa. Nossos estudos tiveram início nas atividades como professor de Libras desde o ano 2000. Foi possível percebermos que, de forma diversa do que ocorre com o ensino da língua oral, o ensino da Libras exige um profundo domínio de mecanismos que favoreçam a atenção e concentração dos interessados na tradução. Isso demanda um protagonismo inquestionável do tradutor/intérprete, pois ele deve levar em conta não só o código estrito, mas também o contexto histórico-cultural e linguístico daquilo que ele pretende transferir para seu público alvo.

Com base em fundamentação teórica sobre a estrutura linguística da Libras inserida no contexto da Linguística Aplicada, a partir de teóricos da Língua brasileira de sinais como Capovilla, Raphael e Maurício (2013); Ferreira (2010); Quadros (1997) e outros, a nossa análise considera as concepções sobre técnicas de tradução da Língua Portuguesa para Libras e aspectos linguísticos da língua dos surdos. Serão muito úteis também as concepções de Volóchinov (2017) no tocante à conceituação de texto, contexto e linguagem. Do mesmo modo, valemo-nos das teorias da tradução aceitas atualmente, debatidas desde o século II, tratadas por Cícero (106 a. C. - 43 a. C.) e Horácio (65 a. C. - 8 a. C.), que abordam a questão da “tradução literal” e a “tradução livre” (BASSNETT, 2003).

A grande questão deste trabalho sobre a interpretação em Libras encontra-se no resultado que se espera obter quanto aos procedimentos que tornem claros os enunciados produzidos em uma determinada língua, a língua de partida, para outra, a língua de chegada. Bassnett (2003, p. 9) enfatiza que:

A tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor.

Assim, nesse processo, buscaremos esclarecer se seria mais viável preservar a língua-alvo em sua originalidade, quanto ao léxico e às estruturas gramaticais e estilísticas utilizadas pelo autor, ou se seria melhor buscar um mecanismo que transmita mais eficientemente o "significado" do texto original. E ainda, se é plausível tentar preservar a intenção do autor no ato da criação, que emprega determinadas expressões, palavras, posicionamento e cadência. Quanto à transposição para a língua equivalente, deve ele respeitar a língua-fonte observando apenas a mediação entre o texto original e a língua traduzida, ou procurar ser mais fiel ao seu significado ou conteúdo?

Esses questionamentos levaram pesquisadores como Furlan (2003), Newmark (1988), Barbosa (2004) entre outros, com base nos procedimentos propostos por Vinay e Darbelnet (1995), à construção de duas linhas básicas da teoria e da atividade da tradução. Uma delas diz respeito à "tradução literal", defendida pelos que julgam que o "original" seja a peça mais importante de toda a técnica, devendo ser respeitado em todos os seus aspectos, com objetividade e neutralidade.

Nela o texto deve ser transposto para a nova língua sem muito esforço de tradução, utilizando-se apenas transformações necessárias para torná-lo inteligível e adequá-lo aos sistemas sintáticos da língua de chegada. Essa concepção é promulgada por Furlan (2003) ao expor que, com o avanço do Cristianismo, houve a necessidade de haver uma tradução das escrituras, em princípio para o latim e, mais tarde, para as línguas vernáculas.

A outra linha diz respeito ao modelo da "tradução livre", subjetiva ou infiel, também chamada de "tradução de sentido", daí o conceito de subjetividade presente neste modelo. Nesse contexto, por questões religiosas e da fé na inspiração divina, havia na época uma forte preocupação com a tradução fiel ao texto original, assim como no exemplo clássico de São Jerônimo, Monge grego, em 385 a. C., que recebeu

a tarefa por ordem Papal de elaborar uma reescrita da Bíblia para uma versão do latim corrente na época, a *Vetus Latina*<sup>1</sup>.

São Jerônimo foi o primeiro tradutor a explicitar a tese da diferença de tipologias como fator determinante do estilo tradutório e da opção entre literalidade e liberdade diante da tradução do original (FURLAN, 2003, p. 14). Por outro lado, os defensores da “tradução livre” afirmam que esse processo não precisa e nem deve se ater ao conteúdo literal do texto original, buscando, ao contrário, enunciar, da melhor forma possível, os aspectos mais abstratos do conteúdo a ser traduzido. Buscam, assim, um resultado que melhor se adapte ao público a que a tradução se destina, e que preferencialmente transmita a “mensagem” ou o “foco” contido na língua originalmente produzida. Furlan (2003) enquadra-se também nesse ponto de vista, ao dissertar que, na Roma antiga, nos trabalhos de Cícero e Horácio, essa separação se materializa em uma tradução “ad verbum” e tradução “ad sensum”. Vemos isso nas palavras de Cícero, principal teórico da tradução na antiguidade romana:

Não traduzi como intérprete, mas como orador, com os mesmos pensamentos e suas formas bem como com suas figuras, com palavras adequadas ao nosso costume; atentai bem para aquilo que foi dito e para aquilo que segue: Para tanto não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantive o caráter das palavras e sua força [...]. (FURLAN, 2003, p. 17).

Se considerarmos essa problemática para o trabalho do tradutor e intérprete em Libras, precisamos inicialmente conceituar a comunicação sinalizada no contexto da pessoa com surdez. Cupello (1993) expõe que: “Todo ser humano já nasce com a necessidade de aprender uma língua, para poder se comunicar com o mundo”. Da mesma forma, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que as línguas de sinais são línguas naturais das comunidades surdas, e toda língua natural é:

[...] uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza em um sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

---

<sup>1</sup> *Vetus Latina* foi o nome comumente dado aos textos bíblicos traduzidos para o latim antes da tradução de São Jerônimo, conhecida como *Vulgata*. *Vetus Latina* é uma expressão em latim que significa “Latim Antigo”. Com a pregação do cristianismo por todo Império Romano, houve a necessidade de traduzir os escritos bíblicos para os cristãos que não liam o grego ou o hebraico. Disponível em: <<http://biblioteca.com.br/site/as-primeiras-traducoes/a-vetus-latina>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

A característica principal da linguagem nas línguas de sinais se materializa na modalidade visual-espacial, que se difere das línguas orais em que é empregada a modalidade auditiva-oral. As línguas de sinais são, portanto, um procedimento natural, e não surgiram devido a uma dificuldade ou a uma disfunção do surdo. Além disso, a história mostra que, antes do aparecimento das línguas para a comunicação humana, já existiam gestos, expressões faciais e corporais que visavam transmitir ideias. Em pesquisas sobre os gestos dos primatas, os dados “[...] apoiam fortemente a hipótese do uso da gestualização entre os primatas que se utilizam claramente da comunicação gesto visual em contextos que se aproximariam das nossas vocalizações”. (POLLICK; DE WAAL, 2007, p. 8187, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Expressavam-se, através de gestos e sons, as informações de estados físicos e emocionais, as atitudes, os propósitos, de forma clara ou não, aos outros membros do grupo. Como forma de comunicação não verbal, fica claro que a gestualização parece ter precedido a palavra e a língua de sinais, surgida muito antes da auditiva-oral ou da escrita. Mesmo atualmente, quando não conseguimos nos expressar em língua estrangeira, por exemplo, intuitivamente utilizamos gestos, ou qualquer forma de comunicação por símbolos que atinja o mesmo objetivo. A aparente simplicidade e quase irreverência no uso dos sinais leva a um erro recorrente: muitos ainda relegam a Libras a uma simples “linguagem” de sinais e não como realmente ela deve ser classificada, uma Língua Brasileira, de Sinais e oficialmente reconhecida.

Em outras palavras, a linguagem possui uma estrutura subjacente independente da modalidade, seja essa auditivo-oral ou visuogestual. Desse modo, a língua oral e a língua de sinais não constituem uma oposição, mas sim, canais diferentes para a transmissão e a recepção da capacidade mental da linguagem. (SKLIAR, 2015, p. 24).

Os enunciados em Libras utilizam estruturas gesto-visuais ou, como explica Quadros (1997, p. 46), a realização dessas línguas não é estabelecida por meio de canais oral-auditivos, mas “numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais”. Não são apenas um encadeamento de “gestos” ou “mímicas” pretensamente criados para facilitar a comunicação com os surdos. São verdadeiramente um complexo sistema linguístico muito bem organizado, assim como são as línguas orais. Os surdos, por se orientarem visualmente na comunicação,

---

<sup>2</sup> Trecho original em inglês: “[...] strongly support the gestural flexibility hypothesis according to which our closest primate relatives use brachiomanual gestures more flexibly across contexts than they do facial expressions and vocalizations”.

necessitam de um recurso adequado para a efetivação do dialogismo. A Libras é esse sistema linguístico que possibilita a criação espontânea de sintaxe na língua utilizada pelos surdos. Estas características naturais são ressaltadas nas palavras de Long (1910), mencionado na obra de Sacks (2010, p. 5):

[A língua de sinais], nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhe concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.

Segundo Sacks (2010), vemos que a sociedade tem pouco conhecimento sobre o que é a surdez em relação aos seus aspectos culturais e principalmente sobre a língua de sinais. Diante disso, o autor acredita que, para que haja a inclusão da pessoa com surdez na sociedade, torna-se necessária a presença de um tradutor-intérprete de Libras.

Dadas as possibilidades para o processo tradutório e após muitas atividades práticas, constatamos que o intérprete de língua de sinais se depara frequentemente com muitas dificuldades para a interposição entre surdos e ouvintes, devido às diferenças linguísticas no tocante ao léxico, à sintaxe e à semântica/pragmática. Para analisarmos estas dificuldades, optamos por utilizar em nossos estudos textos religiosos Cristãos, extraídos principalmente de Livros do Novo Testamento, e alguns do Antigo Testamento. Propositamente, utilizamos como gênero literário os escritos bíblicos, dada a nossa experiência como intérprete Católico.

Dessa forma, a propósito do aspecto polissêmico da ação tradutória, dentre as várias correntes teóricas de base linguística, temos que a tradução é o resgate de significados ou uma transposição para uma outra língua, conforme Barbosa (2004, p.11). Assim, utilizaremos duas das teorias mais populares existentes, a tradução literal ou fiel, neste caso a que deve estar próxima ao produtor do significado e a tradução livre, de base textual pós-estruturalista, que propõe uma tradução que corresponda a um ato de criação não envolvendo apenas a “comutabilidade de textos”, mas transformação e adaptação, sendo o tradutor o agente produtor de

significado e portanto, compelido a observar questões de figuras de linguagem, conforme Catford (1980, p. 27-28).

Assim considerando, descreveremos aqui uma metodologia de desenvolvimento de um processo prático de tradução e interpretação. Ao tratarmos da tradução poética, que se mostra alinhada à nossa proposta, veremos que, quando se trata da tradução de textos literários: “quanto maior a correspondência ponto a ponto entre os componentes de um dado elemento do original e os componentes da contraparte na tradução, menor terá sido a perda” (BRITTO, 2002, p. 65-66). Seguindo esse procedimento, ofereceremos uma sequência didática que esclareça e facilite essas ações que são inerentes à atividade do tradutor/intérprete em Libras.

Organizaremos esse método por meio de uma descrição “passo a passo”, relativa às estratégias estruturais mentais constitutivas dos processos de tradução. Essas ações são basicamente já utilizadas pelos profissionais da área. Porém, até agora, não houve a preocupação com o tipo de gênero linguístico da “língua de partida”, questão esta que, na verdade, deveria definir qual a estratégia tradutória a ser utilizada pelo profissional. O uso apenas da “intuição” leva o intérprete muitas vezes a subestimar ou a não considerar as peculiaridades e diferenças de cada tipo de gênero da fonte e das figuras de linguagem utilizadas na “língua de partida” (neste caso a Língua Portuguesa). Essa preocupação com as figuras de linguagem e gêneros textuais, na verdade, deveria ser prioritária, definindo qual a estratégia tradutória a ser utilizada no momento da atuação interpretativa desse profissional. É essa preocupação que nos levou à elaboração desta proposta. Vejamos um exemplo no poema de Carlos Drummond de Andrade de 1930, “No meio do caminho”<sup>3</sup>:

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.  
(ANDRADE, 2013, p. 36).

---

<sup>3</sup> Em nosso trabalho, utilizamos como referência a publicação de 2013.

Esse poema é construído por uma estrofe com dez versos, sem rimas ou sílabas métricas. Observamos que há a repetição de palavras. Se eliminássemos as repetições, teríamos: "No meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas". Aqui, o termo "pedra" em sentido figurado, poderia ser traduzido como "dificuldade", "problema", "surpresa" ou outras possibilidades. "Caminho", poderia, por exemplo, ser traduzido como "vida". Contudo, se o tradutor não for atento ao objetivo do poeta ao usar a figura de linguagem, poderia desconstruir a metáfora que confere colorido ao poema. Corre, então, o risco de tirar do seu interlocutor, no caso o surdo, o direito de elaborar sua própria interpretação.

Ao ser repetida várias vezes no poema a palavra "pedra", o seu significado é intensificado, elevando a "pedra" a um "obstáculo" existencial. É esse sentido que garante dramaticidade ao poema. Por isso, o bom intérprete em Libras, consciente de sua responsabilidade, deveria, nesse caso, ser fiel ao texto original. Drummond escolheu o termo "pedra" no meio do caminho em vez de "obstáculo", "dificuldade" ou "problema", portanto o termo "pedra" deveria ser mantido.

Vejamos também, num outro exemplo, uma passagem do Evangelho de São João (1:29): "No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo":

Por inúmeras vezes, em nosso trabalho, pudemos presenciar muitos intérpretes "traduzindo" a expressão "Cordeiro de Deus" como sendo o "filho de Deus", com a justificativa de que o surdo não entenderia a comparação de um "animal", no caso um "cordeiro", a Jesus. De certa forma, é visível a boa intenção do intérprete, contudo essa abordagem também desconstrói a metáfora ao excluir a figura de linguagem bíblica e histórica.

Ao executar sua interpretação pessoal, ainda que plausível, o intérprete substitui "cordeiro" por "o filho de Deus", diferentemente do texto bíblico original. Lá, o sentido de "cordeiro" vem dos costumes hebraicos em comemoração à Páscoa, quando se matava um cordeiro em sacrifício a Deus para remissão dos pecados.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tomaz e Pelegrini (2008) esclarecem que o jantar da Páscoa era preparado com víveres que simbolicamente estavam associados àquele evento. Essa prática tinha uma motivação ritual, e nela um desses alimentos era um pedaço de osso de um cordeiro ou ovelha que, ao ser sacrificado, evitaria uma das dez pragas que o Deus de Israel enviou sobre o povo do Egito, as mortes dos filhos primogênitos.

Esse é o sentido que as escrituras sagradas transmitem ao recorrerem às figuras de linguagem. Não obstante, o sacrifício de Cristo não apenas vincula-se à Páscoa, mas dialoga com práticas do Velho Testamento, ainda que no intuito de mudar-lhe o curso; pois, a partir de então, não seria mais necessário haver sacrifício animal, pois os pecados já foram sanados pelo sangue do sacrifício do filho de Deus (SANTOS, 2011, p. 102).

Furlan (2003) postula que São Jerônimo se vê nesse dilema ao traduzir para o latim as escrituras em grego: "[...] desde minha juventude traduzi sempre as ideias, e não as palavras. Nisto tenho por mestre Cícero". (FURLAN, 2003, p. 14). Vemos que, nos textos sagrados, existe o chamado "divino mistério". Para que não haja uma interpretação distorcida causada até mesmo por simples mudanças de posicionamento das expressões, deveríamos empregar uma tradução que se preocupasse com a palavra.

Floor (2007) apoiando-se em Wendland, disserta que "a proximidade com a forma do original é requisito para uma boa tradução, que significa da linguagem de origem, a fidelidade com proximidade e para o idioma do receptor, a clareza e naturalidade". (FLOOR, 2007, p. 4, tradução nossa)<sup>5</sup>. Podemos observar que, nas duas modalidades, essas normas de tradução nunca mantêm uma igualdade exata. Na tradução fiel, por exemplo, o significado e a configuração originais são mantidos em geral às custas de adaptações às convenções idiomáticas da língua de alvo. Na tradução livre, a orientação segue na direção de aceitar alguns prejuízos relativos à fidelidade do original, ao seu contexto histórico e à expressão das formas próprias da cultura em que esse texto se origina.

Todos estes esforços visam oferecer ao receptor do processo tradutório o melhor resultado possível no que se refere à clareza e à objetividade. Da mesma forma, é o que deseja a pessoa com surdez, uma vez que também ela tem direito de elaborar seu próprio entendimento e cogitar inferências em relação ao texto que lhe é apresentado em Libras.

Neste trabalho, procuraremos dirimir dúvidas, reconhecer limites e apontar possibilidades para que o processo de tradução/interpretação envolvendo essas duas

---

<sup>5</sup> Trecho do original em inglês: "[...] proximity to the form of the original is requirement for a good translation, meaning from source language, fidelity with proximity, and for the receptor language, clarity and naturalness."

línguas de modalidades diferentes aconteça de maneira mais eficiente. Desse modo, queremos contribuir para facilitar o procedimento tradutório quando ele envolver principalmente a passagem da linguagem figurada (no caso, a metáfora) na Língua Portuguesa para a Libras, dispondo de um rigor metodológico suficiente para que o processo ocorra com máxima eficiência e mínimo dano ao resultado da comunicação.

Da mesma forma, pretendemos contribuir para que, no caminho inverso da tradução (da Libras para o Português), sejam também respeitadas a gramática e as características da língua e da cultura surda, além de alcançar a eficácia e clareza esperadas na tradução para a modalidade auditiva-oral. Esperamos, então, que o surdo, por exemplo, ao apreender aquele enunciado produzido em Libras, executado por um profissional intérprete proficiente, possa efetivamente transcrevê-lo para a Língua Portuguesa em sua modalidade textual, se não *ipsis litteris*, ao menos para uma forma mais aproximada possível de sua fonte original quando reescrita em Língua Portuguesa.

Para procedermos à descrição de como utilizar este método, que chamaremos de “Sequência Didática de Tradução e Interpretação da Língua Portuguesa para a Libras”, será necessário fazer algumas observações sobre as diferenças básicas entre as duas modalidades de língua. Para isso utilizaremos referências comparativas, baseando-nos no sistema de transcrição de sinais proposta por Brito e Langevin (FERREIRA, 2010, p. 211).

A partir dessas observações iniciais, poderemos apresentar os passos da sequência didática do processo tradutório. Definimos tal execução mediante quatro procedimentos, os quais denominamos de: “redução”, “adaptação”, “tradução” e finalmente a “interpretação” em Libras propriamente dita. Serão selecionadas metáforas extraídas de trechos bíblicos e de outras fontes dialógicas de enunciados em Língua Portuguesa.

Utilizaremos referências necessárias para a utilização deste método, abordando questões sintáticas e gramaticais da Libras e da Língua Portuguesa em comparações feitas por Ferreira (2010) e outros teóricos (ver tabela 1). O objetivo precípuo deste trabalho é propor um método didático de tradução da Língua Portuguesa para a Libras, levando em conta as características capazes de facilitar ou dificultar esse processo, próprias das figuras de linguagem, especialmente a metáfora.

Consideraremos que, para muitos profissionais intérpretes, esse processo já existe naturalmente quando atuam, porém, de uma forma apenas intuitiva.

Procuraremos dirimir dúvidas ao reconhecermos limites e possibilidades do processo de tradução/interpretação envolvendo essas duas línguas. O intuito é, de algum modo, contribuir para facilitar o processo tradutório quando ele envolve a passagem da linguagem figurada na Língua Portuguesa para a Libras, e, de certo modo, contribuir para que, no caminho inverso (da Libras para o Português) esse processo também ocorra naturalmente.

Para atingir esses objetivos, com base nos trabalhos de Capovilla, Raphael e Maurício (2013), Quadros e Karnopp (2004), organizamos este trabalho da seguinte forma: No capítulo 1, trataremos dos conceitos fundamentais referentes à Libras e dos referenciais teóricos de nossa análise; bem como a relação entre a Língua Portuguesa e a Língua brasileira de sinais, tendo como referências Ferreira (2010) e Santana (2007). No capítulo 2, Sardinha (2007), Lakoff e Johnson (2002) e outros, exporemos a metáfora como elemento facilitador, ou não, do processo de tradução/interpretação e, finalmente, faremos algumas considerações quanto às possibilidades metodológicas levantadas a partir de nossa análise. No capítulo 3, descreveremos uma proposta de sequência didática de tradução e interpretação como ferramenta de análise das metáforas bíblicas para a tradução e interpretação em Libras para a Língua Portuguesa.

## **1      CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Iniciaremos este capítulo com uma simples definição do que vem a ser Libras, a Língua brasileira de sinais. Abordaremos seus conceitos fundamentais e os referenciais teóricos de nossa análise, bem como a relação entre a Língua Portuguesa e a Libras, sendo que:

A LIBRAS, como toda Língua de sinais, é uma língua de modalidade gesto visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 20).

Como já abordamos anteriormente, a Libras, assim como as línguas orais, é uma língua “natural” e por isso expressa de forma clara qualquer enunciado, que pode

ser descritivo, emocional, racional, metafórico, literal, abstrato ou concreto. Assim, essa língua permite a produção de inúmeros significados que possam ser criados em um processo comunicativo, tal como a ocorre na modalidade de língua oral auditiva.

Baseado em seus estudos da Língua Americana de Sinais (ASL)<sup>6</sup>, Stokoe (1960) pôde comprovar que esta modalidade de língua apresentava também todos os requisitos linguísticos necessários para que fosse considerada efetivamente uma Língua. Esses critérios deram então à Língua de sinais um padrão genuinamente linguístico tanto no que se refere ao léxico quanto no que se refere à sintaxe.

As características visuais dessa língua, longe de serem apenas movimentos aleatórios e arbitrários, possuem, em seus símbolos, conceitos complexos e abstratos, permitindo uma construção infinita de sentenças. Outros estudos mostram também a existência de várias características comuns entre as línguas sinalizadas e as orais, conforme dissertam Quadros e Karnopp (2004), ao observarem as unidades mínimas ou os fonemas, que também se apresentam na Libras como características gramaticais.

Na modalidade de língua sinalizada, comparativamente, os fonemas e às vezes os morfemas são identificados por recursos visuais que, conforme Stokoe (1960), são elencados por características específicas, nomeadas de “parâmetros da língua de sinais”. Verificou-se aí um conjunto que dá forma efetivamente a expressões completas, porém sinalizadas manual e expressivamente. Por meio dos estudos realizados na ASL por Stokoe, pudemos identificá-las como sendo aspectos de fonologia também existentes na comunicação em Libras. Todavia, como as línguas de sinais utilizam recursos visuais-espaciais e como todo o enunciado produzido ocorre por meio de sinais e expressões executadas pelas mãos, corpo e de expressões faciais, o processamento da percepção desse evento comunicativo também ocorre de forma diferente do que acontece em uma língua de modalidade oral auditiva.

Para entendermos isso, faremos algumas observações sobre essas características fonológicas que são peculiares às duas modalidades, a oral e a

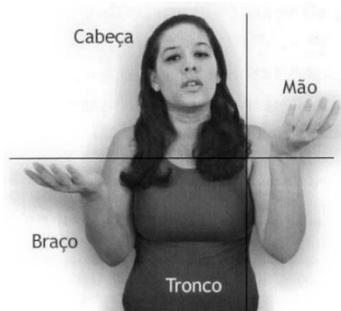
---

<sup>6</sup> A Língua de sinais americana, também conhecida pelas iniciais ASL é a língua de sinais dominante, através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica. Fonte: ICEP. Disponível em: <<http://www.icepbrasil.com.br/site/index.php/noticias/todas-as-noticias/637-inscricao-abertas-para-o-curso-de-asl-american-sign-language-2013>>. Acesso em: 01 set. 2017.

sinalizada. Conforme Calvet (2002, p. 96), “[...] os fonemas são unidades mínimas distintivas, não dotadas de significação”. Observemos que, nessa afirmação, o autor estava se referindo a questões sonoras (fonológicas). Contudo, essa equivalência, sonora, no caso das línguas de sinais, pode ser também verificada nos resultados dos estudos de Stokoe (1960) sobre os sentidos não holísticos das Línguas sinalizadas. Tal equivalência também é ressaltada por Quadros e Karnopp (2004, p. 48), quando propõem que formatos de língua “[...] podem ser analisados em termos de um conjunto de propriedades distintivas (sem significado) e de regras que manipulam tais propriedades”. Essas configurações, que justificam essa análise, foram apresentadas por Stokoe (1960) e organizadas em dois grupos, denominados de “parâmetros maiores e parâmetros menores” da língua de sinais, constituindo a morfologia da Libras. Os parâmetros maiores da Língua de sinais são: o “ponto de articulação”, a “configuração de mão” e o “movimento”.

**1) Ponto de Articulação (PA):** Trata-se de uma região delimitada imaginariamente onde os sinais são executados. É também chamado de espaço de sinalização (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO 2013, p. 189). Ele referencia o local da execução do sinal: próximos à cabeça, à face, ao tronco, ao lado esquerdo ou ao direito, e se tocam ou não partes do corpo etc. Tudo isso deve ser percebido dentro de uma área tridimensionalmente definida e delimitada virtualmente. Verticalmente, essa área abrange a região da cintura até cerca de um palmo acima da cabeça; e, horizontalmente, abrange a distância entre o cotovelo esquerdo e o direito. À frente, o limite se dá com a distância dos braços flexionados frontalmente, como mostrado na figura abaixo.

FIGURA 1 – Ponto de Articulação

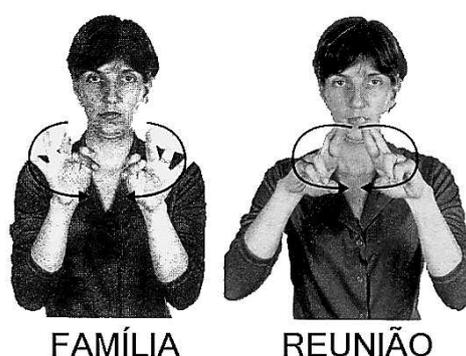


Fonte: Curso de Libras I – LSBVídeo (2006) – p. 8

**2) Configuração de mãos (CM):** Na Língua Portuguesa, os fonemas são as unidades mínimas (fonológicas) que estabelecem contraste de sentido para

diferenciar palavras. Por exemplo, em relação à pronúncia, a diferença entre as palavras “gato” e “rato” está apenas no primeiro fonema. Na palavra “gato” é /g/, e na palavra “rato” é /r/. Essas unidades mínimas, que não apresentam sentidos isoladamente, fornecem diferentes significados quando trocadas. E, apesar de serem a única diferença na produção oral ou escrita, causam mudança de significado. Isso também ocorre na Libras, como podemos ver no exemplo em sinais utilizando os verbetes “família” e “reunião”, conforme a figura abaixo.

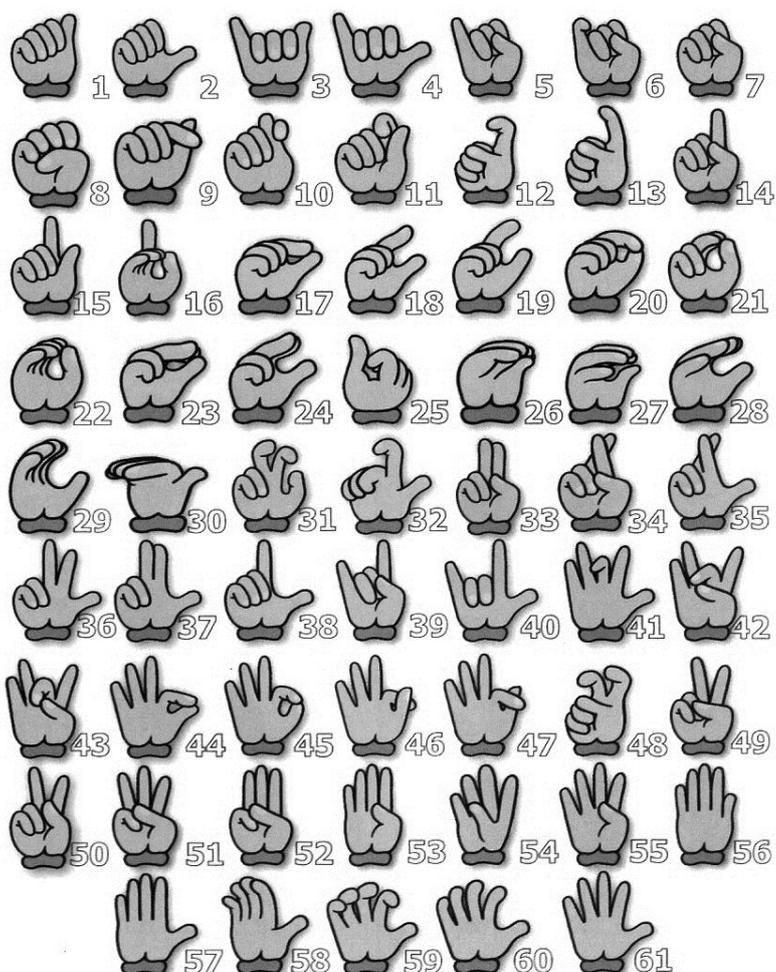
FIGURA 2 – Configuração de Mão



Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p. 82)

Quadros e Karnopp (2004, p. 84) postulam também que “[...] parte-se, assim, da concepção de que cada língua apresenta um número determinado de unidades mínimas cuja função é determinar a diferença de significado de um sinal em relação a outro.” Da mesma forma, observa-se que, mesmo que se mantenham todos os outros parâmetros, a simples mudança da configuração de mão usada num sinal para outra configuração diferente acarreta mudanças no significado do sinal produzido, indo de um sinal de “família” para o sinal de “reunião”, numa articulação sinalizada em Libras. Essas unidades mínimas (as configurações de mãos) foram organizadas e identificadas inicialmente por Ferreira-Brito e Langevin (FERREIRA, 2010, p. 211). Trata-se de 45 configurações, que atualmente são numeradas de 1 a 61, conforme a figura abaixo. Convém lembrar que alguns autores considerem a existência de uma quantidade maior, propondo até 75 configurações:

FIGURA 3 – Tabela de Configuração de Mão



Fonte: Curso de Libras I – LSBVídeo (2006) – p. 63

A partir dessa tabela, podemos verificar, no nosso exemplo, que o sinal de “família” tem sua configuração de mão identificada pelo número 47 (CM47), que é também a mesma configuração de mão usada para a produção da letra “F”. No sinal de “reunião”, a configuração de mão é identificada pelo número 34 (CM34), que é a mesma configuração de mão usada para a produção da letra “R”. Tais letras existem igualmente no alfabeto manual em Libras (conforme figura abaixo). Assim, verificamos que os efeitos nas duas modalidades de língua são os mesmos. Ou seja, ao mudarmos um “fonema” seja ele, comparativamente sinalizado, seja auditivo-oral, há uma mudança de significado.

FIGURA 4 – Alfabeto em Libras



Fonte: UERJ. Disponível em:

<<https://acessibilidadeemmas.wordpress.com/2017/01/30/alfabeto-manual/>>.

Acesso em: 14 maio 2017.

**3) Movimento (M):** Segundo Ferreira (2010, p. 24), a Libras modula o movimento dos sinais para distinguir entre os aspectos pontual, continuativo/durativo e iterativo. O pontual indica uma ação ou evento ocorrido e terminado em algum ponto bem definido no passado. O continuativo/durativo indica uma ação que tem continuidade no tempo. O iterativo indica uma ação ou evento que se realiza repetidas vezes. Essas repetições podem ocorrer com o uso de movimentos mais duradouros, continuados ou expressivamente complementados, como, por exemplo, intensidades, sutilezas ou quantidades. Podemos comparar também com o que ocorre na Língua Portuguesa quando, por exemplo, empregamos repetições de palavras com o intuito de intensificar seu sentido. Vejamos esta situação no exemplo a seguir, com a seguinte expressão: “A avó ama seu neto”.

Ao produzirmos esta frase em Libras, o verbo “amar”, articulado pelo sinal correspondente “AMAR” em Libras, será executado apenas uma vez. Contudo, ao desejarmos intensificar o amor da “avó” por seu “neto”, teríamos a seguinte frase em Língua Portuguesa: “A avó ama muito seu neto”. Porém, em Libras, advérbios de modo como: muito, intensamente ou demais, não possuem necessariamente um sinal

correspondente. Quando esses advérbios são necessários para intensificar os significados dos verbos ou adjetivos, devem ser substituídos por um movimento mais “demorado” do sinal de “amar” em Libras. Em ambos os casos, haveria a incorporação quase que obrigatória de outro parâmetro, a “expressão facial”, que detalharemos mais adiante. Também nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), observa-se que a distinção entre itens lexicais substantivos e verbais também são construídos com as diferentes articulações deste parâmetro: o “movimento” (M). Podemos citar o exemplo do substantivo “cadeira” ou do verbo “sentar” ilustrados na figura abaixo.

FIGURA 3 – Movimento



Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p. 97)

Como podemos ver, um único movimento vertical da mão dominante (neste caso a mão direita) sobre a mão esquerda, com configuração específica para este sinal, denotará o verbo “SENTAR”. Porém, ao se adicionarem movimentos repetitivos (neste caso duas vezes ainda verticalmente) e mantendo-se a mesma configuração de mão da mão não dominante, o sinal será transformado no substantivo “CADEIRA”. Assim, prosseguindo com as análises de Stokoe (1960) ao apontar estas questões “morfológicas” nas línguas de sinais, veremos o segundo grupo de parâmetros da Libras, os chamados “parâmetros menores”. Estes são: “orientação da mão” e “expressões faciais”, também classificadas como Expressões Não Manuais (ENM), incluindo neste grupo também as expressões corporais.

**4) Orientação da Mão (OM):** Este parâmetro não foi inicialmente descrito como um parâmetro por Stokoe. Somente passou a incorporar a fonologia das Línguas de Sinais quando foi descrito por Battison (1974) e outros estudiosos dos casos de pares mínimos, que são a variação de significado pela mudança de um único parâmetro,

como já vimos anteriormente. Também, como o próprio nome indica, este parâmetro descreve a posição que a palma da mão apresenta na execução do sinal, podendo haver seis tipos identificáveis: palma voltada para o corpo ou para a frente, para a esquerda ou direita e ainda para cima ou para baixo, como podemos observar na ilustração abaixo.

FIGURA 5 – Orientação da mão



Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p. 59-60)

**5) Direcionalidade (D):** Parte constitutiva deste parâmetro é também a “direcionalidade” combinada ao “movimento” e, por isso, “movimento” e “direcionalidade” são considerados um único parâmetro. Pode, por exemplo, ser considerada “raiz” na formação das palavras. Podemos constatar isso nos sinais dos verbos ir, vir, brincar, telefonar. Estes parâmetros podem transformar um substantivo em um verbo apenas acrescentando-se “movimento” à execução do sinal, ou ainda definir concordância de lugar ou número-pessoal. Observamos isso nas figuras que ilustram o ato de “DAR” algo a alguém, ou ainda no uso dos verbos “responder” e “perguntar”:

FIGURA 6 – Direcionalidade



Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p. 116 e 118)

Nesse sentido, podemos encontrar aí uma característica de derivação em que nomes e verbos podem ser distinguidos apenas com a diferenciação de um

“movimento” ou “direcionalidade” que, juntos, compõem este componente morfológico. Da mesma maneira, afirmação, negação ou interrogação podem ser expressas com apenas uma alteração no parâmetro “movimento”, podendo ser uma direção ou rotação. Em todos os casos, é visível a quase impossibilidade da não existência das expressões chamadas “não manuais”, que são as expressões faciais e corporais, assunto de que trataremos agora para complementar assim os cinco parâmetros da Língua de sinais.

**6) Expressão Facial (EF):** Esse parâmetro, também presente no grupo de expressões “não manuais”, existe em toda construção da comunicação humana. Ele contribui para a percepção de emoções e sentimentos em ambas as modalidades da língua. Em Libras, são identificados como adjetivos ou substantivos, em princípio abstratos. Esse saber metalinguístico contribui substancialmente para a comunicação em sinais. É possível até mesmo inferir sobre a sua significativa importância para a construção de sentido em sua totalidade, de tal forma que o não uso deste recurso visual tornaria ininteligível o “falar” na modalidade sinalizada. Contudo, equivocadamente, as expressões faciais e corporais são por vezes confundidas com pantomimas, mímicas ou simples gestos concretos. As ENM (expressões não manuais) fazem parte de um conjunto complexo de símbolos com estrutura gramatical e sintaxe próprias que dão sentido ao que, nas línguas orais, seria a entonação, a interrogação, a afirmação ou negação, como mencionamos. Dando atenção especial às expressões faciais, as expressões não manuais produzem basicamente as articulações entoacionais que são transmitidas pelo sinalizador (surdo ou ouvinte), quando estilisticamente realiza a comunicação em Libras.

Às vezes, essas articulações podem ocorrer de forma rigorosa ou suave, lenta ou rápida. Em outras situações, essas atuações expressivas são marcadas por movimentos sutis, como os de sobrancelhas (para cima, para baixo ou franzidas), ou através dos lábios (indicando um sorriso ou uma expressão de dúvida), ou ainda por outros movimentos visíveis em nossa maneira de ser e de expressar, que são comuns e naturais em todas as línguas. Podemos também observar que, com uma simples movimentação das bochechas (infladas ou não), podemos estar indicando outras sensações e emoções nos mais variados níveis. Leite (2008) observa que a simples inclinação dos ombros e do corpo pode demarcar envolvimento ou não envolvimento, inclusão ou exclusão, afirmação ou negação, e que é possível, por exemplo, com

movimentos de piscar dos olhos, construir a delimitação de fronteiras entre as unidades gramaticais.

As expressões corporais propriamente ditas, por sua vez, são marcadas pela movimentação de ombros, tronco ou quadril, objetivando contextualizar o ato da conversação. No caso das línguas de modalidade oral auditiva, o tom de voz, a entonação ou o próprio texto, devidamente pontuado e escrito segundo as regras e normas estabelecidas, são eventos naturais. No caso da Libras, essas mesmas expressões existem e são também naturais; porém possuem função gramatical e são, como já dissemos, fundamentais para a efetivação do enunciado concreto; pois, sem o seu correto uso, a comunicação em Libras torna-se ineficiente, incompleta ou até mesmo exagerada. A análise dos aspectos fonéticos e fonológicos já mencionados sobre estas expressões não são as únicas características que embasam o status linguístico da Libras. Liddel (2003), ao analisar a língua americana de sinais (ASL), narra a importância visual da face humana e dos movimentos da cabeça como fenômenos sintáticos.

Para o autor, a modificação da expressão facial ou do posicionamento da cabeça pode sugerir a mudança de valores sintagmáticos<sup>7</sup> variados, como, por exemplo, locuções adjetivas e adverbiais, orações subordinadas, coordenadas e outros. Isso tudo explicita a relevância das ENM, também chamadas de marcadores não manuais.

## **1.1 A Língua brasileira de sinais: marcos legais e conceituais**

Em toda a história, os surdos foram discriminados e marginalizados desde os tempos mais remotos da sociedade.

[...] classificavam os surdos congênitos como indivíduos que não podiam receber heranças, [...] eram condenados a sofrer o mesmo destino reservado ao retardado ou deformado. [...] a infeliz criança era prontamente sufocada, tinha sua garganta cortada, ou era jogada de um precipício para as ondas, pois era considerado traidor quem poupasse uma criatura de quem a nação nada poderia esperar. (BERTHIER, 1984, p. 165, tradução nossa)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> É uma unidade sintática composta de um ou mais vocábulos que formam orações (HOUAISS, 2015, p. 871).

<sup>8</sup> Trecho original em inglês: “[...] classifying the congenitally deaf among those individuals incompetent to leave their goods by will, condemned deaf children to undergo the fate reserved for the retarded or

Também nesse contexto, “[...] os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonadas ou sacrificadas” (GOLDFELD, 2002, p. 24), desta forma, nunca eram vistos da mesma forma que os ouvintes. Assim, não havia preocupação em desenvolver um modo de estabelecer uma linguagem com tais criaturas.

No Brasil e no mundo, a Língua de sinais passou por diversos momentos em relação ao seu uso e ensino. Oralismo e bilinguismo<sup>9</sup> se mantiveram como métodos de ensino até o momento em que a Língua de sinais entra em isolamento e descaracterização após o congresso de Milão<sup>10</sup>, em 1880, quando foi decidido que o ‘oralismo’, ou seja, ensinar o surdo a “falar” oralmente deveria ser preferido à modalidade de comunicação sinalizada. Assim, a fala e a leitura labial deveriam ser uso constante, principalmente em sala de aula. Somente no final do século XX, com os estudos de Stokoe (1960), os quais elevaram a Língua de sinais a um status linguístico, começou-se a vivenciar algumas mudanças consideráveis. Segundo Capovilla (2000, p. 104), “Sob o impacto dessas pesquisas básicas sobre a língua americana de sinais, nos anos 1970, a filosofia educacional oralista estrita cedeu à filosofia educacional da comunicação total”<sup>11</sup>. Contudo, ficou claro que esta modalidade também se mostrou insuficiente, pois “nem os sinais nem as palavras faladas podiam ser compreendidos plenamente por si sós” (CAPOVILLA, 2000, p. 109).

Dessa forma, a língua de sinais, durante o século XX, auxiliada pelo aprofundamento dos estudos relativos à sua complexidade linguística, transformou-se no principal instrumento de inserção da filosofia do “bilinguismo”, que apresenta a coexistência entre as duas línguas, facilitando ao surdo seu avanço com o uso das

---

deformed. [...] the unfortunate child was promptly smothered or had his throat slit or was thrown from a precipice into the waves. It was treasonable to spare a creature from whom the nation could anticipate nothing”.

<sup>9</sup> Bilinguismo - uso regular de duas Línguas por um falante ou grupo (HOUAISS, 2015, p. 136).

<sup>10</sup> O Congresso de Milão foi uma conferência internacional de educadores de surdos, em 1880. Depois de deliberações entre 6 e 11 de Setembro de 1880, o congresso declarou que a educação oralista era mais apropriada que a de língua de sinais e aprovou uma resolução em que preferencialmente seria utilizado o uso da língua oral nas escolas. Disponível em <<https://culturasurda.net/congresso-de-milao>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

<sup>11</sup> A Comunicação Total defende a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação. (GOLDFELD, 2002).

habilidades em sua língua primária, em sinais, e na secundária, o português, na sua modalidade escrita, excluindo, assim, a forçosa intenção do desenvolvimento da fala contrária à sua comunicação natural sinalizada.

No Brasil, com a promulgação da Lei de diretrizes e Bases nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Especial, embasada na Declaração de Salamanca (1994), contrária às decisões do Congresso de Milão, assume a política nacional de inclusão, cujo propósito é a promoção do ensino para todos. Assim, o surdo é incluído no ensino regular sem que a controvérsia do método de ensino fosse reconsiderada, e novamente o enfoque clínico-terapêutico e oralista legitimado. Em 24 de abril 2002, após muitas “disputas”, a comunidade surda conquista enfim a Lei nº 10.436, que reconhecia a Língua brasileira de sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão.

A Língua Portuguesa sempre interferiu na Libras por meio dos ideais e no modo de atuar dos profissionais ouvintes responsáveis pela educação dos surdos. Nesse contexto, temos o monge Ponce de Léon (1520-1584), que foi o primeiro a atuar na educação dos surdos objetivando sua integração social. Porém, em sua visão, isso somente seria possível por meio da “fala”. Esse monge se dedicava a ensinar a fala para os filhos de nobres a fim de que pudessem herdar os bens da família, o que não poderia ocorrer se o surdo não utilizasse a língua oral (MOURA, 2000).

Em contrapartida a essa perspectiva oralista, destaca-se, na França, Charles Michel de L’Epée, mais conhecido como “abade L’Epée” (1712-1789). Em Paris, ao ter contato com irmãs gêmeas surdas que se utilizavam de uma forma de comunicação sinalizada apreendida nas ruas, o abade se compadece de suas dificuldades, iniciando e intensificando seu contato com outros surdos carentes, o que propiciou uma pesquisa acerca do aprendizado de seu meio de comunicação, a língua de francesa de sinais. Em 1760, o abade L’Epée iniciou a educação formal com as gêmeas a partir da Língua de Sinais que se falava pelas ruas de Paris, utilizando sinais e a datilologia (alfabeto manual), sendo que muitos sinais foram criados artificialmente por ele próprio. O sucesso desse trabalho o levou a prosseguir seus estudos por meio desses modelos de abordagens. Também, na década de 60, nos Estados Unidos, iniciou-se esse tipo de educação para surdos devido à “Comunicação Total”, uma filosofia de educação que valoriza a comunicação e a interação, e não apenas o aprendizado da língua.

É interessante observar que o precursor da Comunicação Total foi o professor de surdos Roy Holcomb, que procurava novos sistemas para ensinar seus dois filhos, que eram surdos, com o propósito de possibilitar-lhes a comunicação (SILVA, 2006). A partir dos anos de 1990, há a proposta de uma nova filosofia educacional que apreende a língua de sinais na sua forma natural, chamada de Bilinguismo, definida por Goldfeld (2002, p. 38) como:

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país [...] os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

É nesse contexto que a presença do Tradutor e Intérprete de Língua de sinais (profissional que identificaremos pela sigla TILS daqui em diante) se torna fundamental, abrindo-se a possibilidade de uma educação bilíngue com a circulação de duas línguas no meio acadêmico: a Libras e a Língua Portuguesa, com o surdo sendo valorizado em sua língua materna, através do intérprete que lhe propicia acesso aos conhecimentos acadêmicos (LACERDA, 2009). Agora, com o surdo verdadeiramente incluído em sala de aula, e com o apoio do intérprete em Libras, o professor passa a ter condições de promover a educação para todos os alunos, indistintamente. Contudo, há que se observar que as metodologias de ensino são diferentes, por isso é necessário haver uma adaptação nesse sentido. Da mesma forma que estamos aqui discutindo uma metodologia tradutória da Língua de Portuguesa para a Libras, devido às diferenças gramaticais e sintáticas, também se torna fundamental haver uma metodologia apropriada para o ensino dos surdos pelos mesmos motivos apresentados. O princípio desse pressuposto é simples: não se ensina um surdo como se ensina um ouvinte, pois os recursos visuais são vitais para o aprendizado da pessoa com surdez e usuária da Libras. Essa questão ainda é motivo de muitos debates e estudos, e é um assunto para tratarmos mais profundamente em outra oportunidade.

## **1.2 Tradução livre x tradução literal**

A teoria da tradução atualmente aceita, que tem como centro de debates os conceitos de “livre” ou “literal”, teve início no final da primeira guerra mundial, como resultado da coexistência multilíngue produzida pela nova configuração dos países envolvidos e norteadas pelas nações unidas do pós-guerra. Nesse contexto, passou a ganhar força e houve vários estudiosos do tema, como Peter Newmark (1988), Vázquez-Ayora (1977) e outros.

Há os que negam a possibilidade da tradução, como Edward Sapir (1980) citado por Bassnett (2003). Segundo esse autor, é possível considerar que a tradução é um procedimento impossível, pois cada língua, uma vez que é meio de transmissão cultural, impõe uma imagem própria de mundo, o que contrasta com outras diferentes línguas. Desta forma, a língua pode ser vista como um “cárcere”, que determina o domínio e a compreensão da convivência entre seus falantes. Então, a transmutação de língua equivaleria à troca da perspectiva daquela realidade a que ela pertence, e isso seria um obstáculo, tornando o ato de traduzir essencialmente impossível. Em síntese, o diferente contexto linguístico e cultural torna comprometida a ação tradutória. Sapir (1980), sustenta que:

[...] “a língua é um guia para a realidade social” e que os seres humanos se encontram à mercê da língua que se tornou o meio de expressão da sua sociedade. A experiência, insiste Sapir, é largamente determinada pelos hábitos linguísticos da comunidade e cada estrutura isolada representa uma realidade distinta [...]. (SAPIR, 1980, p. 46 apud BASSNETT, 2003, p. 35).

A partir daí as estratégias e métodos de tradução começaram a ser analisados com maior atenção, tendo como base sistemas e abordagens científicas, passando a ser vistos como uma nova disciplina, agora absorvida pela área da Linguística Aplicada. A pergunta que continua presente é: o mais importante seria preservar, na língua-alvo, o núcleo de seu sentido original, tanto em termos de léxico quanto em termos de questões gramaticais e estilísticas usadas pelo seu autor, ou se o principal seria a busca do arquétipo que melhor transmitisse o “significado” do discurso original em suas conotações mais sutis? Ou poderíamos ainda perguntar: o principal deveria ser preservar a “intenção” do autor, o que implicaria a transposição para um texto decorrente da mediação construída entre o modo original e a forma transposta, resultando, assim, num enunciado em que a identidade de ambas as formas se transformasse em algo como um mesmo sentido, porém modificado?

Há defensores para as duas correntes teóricas. Por um lado, há os que acreditam que a língua-alvo deve ser respeitada em toda a sua estrutura, sendo transposta sem qualquer esforço de interpretação, por meio da tradução literal, somente com alterações impostas por questões sintáticas. Citamos aqui Vinay e Darbelnet (1995), os quais preconizam que a tradução literal deve ser utilizada sempre que seja possível uma tradução compatível com a língua de chegada. Nesse sentido, também Newmark (1988, p. 76, tradução nossa)<sup>12</sup> defende que: "A tradução literal é o primeiro passo da tradução, e um bom tradutor só abandona a versão literal quando ela resulta claramente inexata [...]".

Por outro lado, defendendo a tradução livre, alguns estudiosos afirmam que a tradução não necessita nem deve se ater a uma equivalência exata do texto fonte, buscando, ao contrário, demonstrar, da melhor forma, os parâmetros semânticos e sintáticos da língua de chegada. Também importantes estão os aspectos mais intangíveis da obra a ser transposta, o que implica buscar a configuração textual que melhor alcance o público a que se destina e, assim, transmitir, de forma adequada, a "mensagem" do texto original. Essa corrente conceitua a boa tradução como aquela que, em relação à língua de partida, desempenha basicamente a mesma função. Vemos isso na definição de tradução como "um processo comunicativo de mediação bilíngue que comumente visa a produzir para a língua alvo um texto que seja funcionalmente equivalente à língua fonte, adicionando-se a esse processo o tradutor, o qual passa a ser o interlocutor que traduz para a segunda língua". (REISS, 2000, p.160, tradução nossa)<sup>13</sup>. Ficam claras as dificuldades encontradas pelos TILS quanto à abordagem tradutória, o que nos leva a concordar com a observação de Magalhães Junior (2007) a esse respeito:

[...] traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para o universo semântico ideias e sentimentos que não são os nossos. Num tal processo, o resultado será sempre alvo potencial de censura e dissenso. Na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens por vezes dúbias. Fazemos escolhas a todo o momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007, p. 170).

---

<sup>12</sup> Trecho original em inglês: "Literal translation is the first step in translation, and a good translator abandons a literal version only when it is plainly inexact [...]".

<sup>13</sup> Trecho original em inglês: "[...] bilingual mediated process of communication, which ordinarily aims at the production of a TL [target language] text that is functionally equivalent to an SL text [source language] (2 media: SL and TL+1 medium: the translator, who becomes a secondary sender; thus translating: secondary communication.)."

Podemos então assumir a ideia de que “nunca vai existir uma única tradução ideal de determinado texto. Haverá muitas traduções boas, mas não a tradução boa de um original” (Rónai, 1987, p. 23). Umberto Eco (2007), no entanto, postula que seria impossível ser totalmente “fiel” já que, ao traduzirmos, nunca dizemos a mesma coisa, porém quase a mesma coisa, quando finaliza sua obra afirmando que:

A conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável [...]. A fidelidade é, antes, a tendência a creditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa. (ECO, 2007, p. 426, grifo do autor).

Ainda nesse sentido, o mesmo autor propõe que são aceitáveis algumas alterações textuais desde que o objetivo seja suscitar no leitor do texto de chegada, sensações estéticas similares às experimentadas pelo leitor do texto de partida. Em nossa proposta de processo tradutório, essas alterações são denominadas como fase da “adaptação”, tal como encontramos nos aportes de Bastin (2008, p. 5-8), quando o autor propõe que a adaptação tem um contexto polissêmico a ser utilizado para alcançar uma equivalência em situações em que ocorrem desencontros de aspectos sociolinguísticos e culturais. Também Amorim (2005, p. 6) justifica esse conceito quando “[...] a ênfase tradutória permanece na manutenção da forma e da semântica especialmente quando fatores acústicos e visuais estão envolvidos.” Assim:

Reconhecer a dimensão discursiva da tradução e da adaptação não é reduzir seus aspectos linguísticos e culturais, mas concebê-los segundo uma perspectiva que não se separe em uma oposição, tal como duas vias paralelas que jamais se encontrariam. Esse reconhecimento tampouco deve representar o apagamento da subjetividade do tradutor. (AMORIM, 2005, p. 228).

Uma vez que nos posicionamos nesse universo teórico sobre as duas vertentes tradutórias aqui citadas, prosseguiremos com nossa análise da relação entre a nossa língua oral auditiva e a Libras.

### 1.3 Relação Libras/Português

Como vimos anteriormente, no Brasil, a língua de sinais (Libras) é reconhecida como conquista das comunidades surdas oficialmente por força de lei (BRASIL, 2002). Esse reconhecimento garante também o ensino da Língua Portuguesa para os surdos na sua modalidade escrita, levando-se em conta a língua de sinais que deve ser observada como a Língua materna para os surdos. Assim, a Libras é a primeira língua para os surdos (L1), e a Língua Portuguesa é a segunda (L2). É importante lembrarmos que a mesma Lei 10.436, a qual reconhece a Libras como meio legal de comunicação dos surdos, também garante que: “A Língua brasileira de sinais – Libras, não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa” (BRASIL, 2002). Esse item legal constitui um obstáculo à disseminação de uma escrita dedicada a esse propósito, denominada de “SignWriting”, desenvolvida por Valerie Sutton<sup>14</sup>. Assim, coerente a esse contexto legal, consideramos que o ensino da Língua de Portuguesa é fundamental para a pessoa surda e usuária da Libras. Contudo, é necessário, para que haja a perfeita compreensão da aplicação de nossa proposta, pontuarmos detalhes mais específicos da relação entre as duas línguas.

Essa questão se torna presente em duas vias: de um lado, para o surdo, que necessita adquirir o conhecimento da Língua de Portuguesa através da interpretação para Libras; e de outro, para o intérprete, que precisa apropriar-se da língua de sinais em todo o seu complexo universo visual espacial, relacionando-a com sua língua materna, neste caso, a Língua Portuguesa, oral auditiva. Para que esse processo ocorra de forma natural, também em duas vias, é preciso que essas questões sejam analisadas, observando-se “[...] o contraste linguístico entre Libras e Português” (QUADROS, 1997, p. 46). O entendimento desse processo torna-se, então, dependente do conhecimento metalinguístico das duas línguas. Assim, não é possível, por exemplo, um intérprete com um domínio insuficiente da Libras levar aos alunos surdos uma compreensão adequada de um discurso produzido em Língua Portuguesa, assim como também não será possível a compreensão pelo ouvinte que não domina a língua de sinais se esse mesmo intérprete não dominar sua língua materna quando o discurso fonte é produzido em Libras. E ainda, “a língua que o surdo

---

<sup>14</sup> [...] modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações [...]. Para se escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais (STUMPF, 2005, p. 51-52).

usa e tem como legítima não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuomanual, portanto muito diferente do oral-auditivo” (SILVA, 2001, p. 48). Observemos então, as diferenças básicas entre as duas modalidades de línguas, que auxiliarão o TILS neste processo.

**Tabela 1- Sequência comparativa**

Fonte: Quadros (2007)<sup>15</sup>

PADRÃO	LÍNGUA PORTUGUESA	x	LIBRAS
1	Pronomes Eu, Tu, Ele (a), Nós, Vós, Eles (as).	x	São marcados por sistema de apontação devido a característica sintática espacial da Língua de sinais. <b>"Normalmente são omitidos quando em primeira pessoa." (grifo nosso).</b>
2	Gramática Artigos, preposições, conjunções e marcação de gênero: o, a, os, as, um, uma, uns, umas. Elementos de ligação: de, do, ao, que, na, em, para, com etc. Conectores: portanto, logo, pois, como, mas, e, embora, porque, entretanto, nem, quando, ora, que, porém, todavia, quer, contudo, seja, conforme.	x	Não são utilizados pois estes conectivos são incorporados ao próprio evento sinalizado.
3	Sintaxe Basicamente uma estrutura linear textual.	x	Processo de simultaneidade, envolve todos os aspectos visuais, incluindo os chamados "classificadores", ou seja, é um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal.
4	Fonologia Organização interna e sonora.	x	Léxico produzido por meio de sinais manuais baseado nas interações sociais dos indivíduos e há a arbitrariedade espaço visual.
5	Verbos Há conjugações verbais.	x	Os verbos são sempre no infinitivo e singular, sendo que as definições de tempo e espaço dependem de contextos e em geral são substituídos por marcas não manuais, expressões faciais e outras articulações visuais.
6	Sentenças S-V-O (Sujeito Verbo Objeto).	x	Topicalização ou Tópico comentário (O-S-V, S-O-V ou V-O-S), e referências anafóricas por meio de pontos estabelecidos no espaço de articulação do enunciado visual.
7	Entonação São prosódicas e na forma oral auditiva.	x	Visual-espacial e motora (Expressão corporal e facial).

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.crea-mt.org.br/portal/gramatica-de-libras-conhecer-para-entender-uma-lingua-diferente-parte-ii/>>.

<<http://rdi.uncoma.edu.ar/bitstream/handle/123456789/1570/Sandra%20B.%20CVEJANOVIengua%20de%20se%C3%B1as.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

## 1.4 O Sistema de Transcrição para a Libras

Com o objetivo de propor uma ferramenta didática para o ensino da Libras para pessoas ouvintes e utilizando recursos textuais da Língua Portuguesa, Felipe e Monteiro (2007) adaptaram, em 2004, ao participar do Projeto “Libras em Contexto”, um modelo de códigos que tornou possível a descrição dos movimentos articulatórios visuais em formato de escrita. Esse trabalho tornou o estudo e o ensino da Libras mais próximo dos mecanismos gráficos e textuais da Língua Portuguesa mediante o uso de filmes feitos por surdos em DVD, já que a língua de sinais tem características próprias e, por isso, a tecnologia mais adequada para sua divulgação e para sua reprodução na atividade de ensino é a projeção de vídeos.

Dessa forma, juntamente com vídeos, esse modelo de códigos transformou-se em um recurso padrão utilizado por muitos estudiosos e profissionais do ensino da língua de sinais que detalharemos mais à frente neste trabalho. Apesar da existência do Signwriting como opção de modalidade escrita para a língua de sinais, como esta técnica exige um significativo período de tempo para seu estudo e aprendizado, aqui adotaremos apenas o "Sistema de notação em palavras" (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 24). Essa é a técnica hoje aceita por muitos intérpretes, estudantes e pesquisadores de línguas de sinais em outros países e também aqui no Brasil.

Esse sistema recebe esse nome porque as palavras da nossa língua auditiva-oral são utilizadas para descrever o mais realisticamente possível a produção da comunicação em língua de sinais, que é tridimensional e espaço visual. Vejamos então como se dá a representação dos sinais manuais e não manuais em Libras, no formato escrito:

1. Toda palavra (léxico) da Língua Portuguesa que possui um sinal equivalente em Libras será escrita em letras maiúsculas. Exemplos:

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
CASA / MORAR	PERGUNTAR	RESPONSABILIDADE
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Casa ou Morar	Perguntar	Responsabilidade

2. O hífen será usado sempre que um sinal único for a representação de uma ação composta por mais de uma palavra na Língua Portuguesa:

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
CORTAR-COM-FACA	GOSTAR-NÃO	SABER-NÃO
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Usar faca para cortar	Não gostar	Não saber

3. Quando há a execução de dois ou mais sinais em Libras, feitos separadamente, mas empregados para compor um único significado, as palavras que o compõe são escritas separadas pelo símbolo “^”.

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
CAVALO^LISTRA	MÉDICO^CRIANÇA	CASA^CRUZ
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Zebra	Pediatra	Igreja

4. Quando uma palavra não possui ou não há um sinal específico em Libras, ou ainda quando se deseja denotar nomes próprios (nomes de pessoas, lugares, objetos etc.), usa-se a “datilologia”<sup>16</sup> e, com isso, cada letra será escrita separada por hifens “-”.

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
R-O-B-E-R-T-O	U-R-Â-N-I-O	M-E-T-E-O-R-O
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Roberto	Urânio	Meteoro

5. Quando uma soletração ou datilologia de uma palavra passa a ter função de um sinal, este é adicionado ao léxico da Libras. Esse processo é chamado de “empréstimo linguístico”, e a convenção dessa escrita deve ser impressa em itálico.

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
<i>N-U-N-C-A</i>	<i>A-Z-U-L</i>	<i>V-O-V-O</i>
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Nunca	Azul	Vovô

6. Em Libras não há desinência para gêneros (masculino ou feminino) ou número (plurais). Para a composição desses contextos, usam-se sinais com a adição do sinal de “HOMEM” para “masculino” ou o sinal de “MULHER” para “feminino”, além

---

<sup>16</sup> A datilologia ou o alfabeto manual tem seu primeiro registro na história na Espanha atribuído ao Frei Juan de Fianza (1221-1274) e depois utilizado pelo Monge Pedro Ponce de Leon (1508-1584) para educar crianças surdas. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151662/schiavon\\_dn\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151662/schiavon_dn_dr_arafcl.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 15 nov. 2017.

dos “classificadores” ou “intensificadores”. Assim, essas desinências de gênero são substituídas pela escrita do símbolo “@”

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
AMIG@	EL@	ME@
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Amigo(s), amiga(s)	Azul	Vovô

7. Quando um sinal em Libras é acompanhado de uma ENM (Expressão Não Manual) simultaneamente, estas serão mostradas ao lado do sinal para denotar ideias como: frases interrogativas (?), negativas (-), exclamativas (!), advérbios de modos, (<) menor ou (>) maior, ou (+) para um intensificador. (Os símbolos: ? ! + - < > escritas em “subscrito”, sugestões nossas).

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
NOME?	ADMIRAR <sub>!</sub>	LONGE <sub>+</sub>
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Nome?	Admirável!	Longe demais.

8. Em verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), usam-se os “classificadores”. Esses classificadores (sigla que nomearemos CL daqui em diante) serão impressos em subscrito, especificando o tipo de “classificador” quando necessário.

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
CL PESSOA MOVER	CL CARRO MOVER	LOCAL DOR
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Uma pessoa moveu...	Um carro se moveu...	Dor de...

9. Os verbos que apresentam característica locativa ou número-pessoal, mediante movimentos direcionados, são representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito, indicando:

- a) Variável de lugar:
- i = ponto próximo à 1º pessoa (p1 grifo nosso)
  - j = ponto próximo à 2º pessoa (p2 grifo nosso)
  - k e k' = próximos à 3º pessoa (p3 grifo nosso)

- b) Pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = (1º, 2º, 3º pessoas do singular)  
 1d, 2d, 3d = (1º, 2º, 3º pessoas do dual<sup>17</sup>)  
 1p, 2p, 3p = (1º, 2º, 3º pessoas do plural)  
 D e E = Direita e Esquerda (grifo nosso)

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
1sDAR2s	2sPERGUNTAR3p	p3DANDARp3E
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Eu dou para você...	Você pergunta para eles	Andar da direita para a esquerda

10. Quando um sinal requerer o uso de uma mão específica ou o uso concomitante das duas, indica-se (md) para “mão direita” e (me) para “mão esquerda”.

<b>Convenção de escrita em Libras</b>		
IGUAL (md) (me)	PESSO@-MUITO@ANDAR (md)	CL DPESSOA-VIRE ME
<b>Significado em Língua Portuguesa</b>		
Coisas iguais	A pessoa anda muito	Veio de lá para outro lado

## 2 CAPÍTULO 2: AS METÁFORAS E A LIBRAS

Neste capítulo, pontuaremos a Metáfora como um recurso utilizado no processo de tradução/interpretação, tecendo algumas considerações quanto às possibilidades metodológicas levantadas a partir de nossa análise. Ainda hoje é comum vermos uma definição de metáfora apenas como um recurso literário produzido no imaginário poético ou como um adereço retórico. Contudo, conforme Lakoff e Johnson (2002 p. 45), nosso dia a dia está impregnado de metáforas.

A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos que não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Também nesse contexto, Sardinha (2007) propõe que as metáforas estão presentes na nossa mente e funcionam como meios naturais de estruturar nosso pensamento, não sendo necessário adquiri-las formalmente. Além disso, elas se

<sup>17</sup> A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso: PRIMEIRA PESSOA (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS/NÓS-TOD@, NÓS-GRUPO, indicados pelos dedos da mão dominante (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 82).

revelam constitutivas da linguagem, pois conceituam as experiências que temos, permitindo compartilhá-las com o outro e com o mundo ao nosso redor, construindo, assim, relações de significados. A metáfora é comumente definida “como uma figura de linguagem apenas ou como um artifício para embelezar a linguagem” (SARDINHA, 2007, p. 19). Esse conceito mais tradicional sobre a metáfora vem do século IV a.C., por meio de Aristóteles, que atribui a esse recurso apenas o papel de embelezar ou driblar o pensamento racional. Trata-se da “transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, 2003, p. 74).

Ainda segundo Sardinha (2007), atualmente, alguns autores têm oferecido novas contribuições sobre o uso da metáfora, não só na literatura, mas também na comunicação cotidiana e prosaica. Apresentaremos aqui apenas algumas características de uma das correntes teóricas: a metáfora Conceptual, que apresenta mais afinidades com nosso trabalho. Nossa intenção não é restringir esses estudos, mas apenas esclarecer aspectos mais importantes para nossa abordagem, visto que não nos preocupa qualificar qual tipo de metáfora foi utilizado nas Sagradas Escrituras, mas como traduzi-la para Libras, sem que perca sua beleza e significado.

## **2.1 A metáfora Conceptual**

Nossa proposta tem por objetivo analisar as peculiaridades que os sujeitos surdos apresentam na comunicação sinalizada, considerando-se as construções metafóricas e as particularidades apresentadas pela pessoa surda no processo de conceptualização. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 245), numa visão cognitivista, “muitas das similaridades que percebemos são resultado de metáforas convencionais que são parte de nosso sistema conceptual”. Esta é uma operação cognitiva literalmente ligada ao nosso próprio corpo e espaço em que vivemos ao empregarmos a experiência concreta. Sem dúvida, surdos e ouvintes vivenciam experiências físicas e culturais de diferentes maneiras, embora ocupem os mesmos espaços sociais e culturais. Para os surdos, o sentido da visão é mais influente na apropriação e significação de mundo e substitui o que a audição proporciona a ouvintes. Os surdos compreendem o mundo através de experiências e referências visuais, daí as suas habilidades em língua de sinais. Segundo Sardinha (2007), a corrente conceptual é

resultado de estudos de Lakoff e Johnson, apresentados na obra “Metaphors we live by” (“Metáforas em que vivemos”, tradução nossa).

O aspecto principal dessa teoria consiste na ideia de que não se pode pensar no nosso cotidiano sem pensar no uso de metáforas, uma vez que elas fazem parte de nossa cultura, da nossa interação e da nossa compreensão de mundo. Assim, de acordo com Lakoff (2002, p. 4 apud SARDINHA, 2007, p. 30), “Uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente”. É importante também ressaltar, tal como afirma Sardinha (2007), que as metáforas conceptuais são culturais, uma vez que retratam a ideologia e a concepção de mundo de indivíduos inseridos numa determinada cultura. Aqui notamos mais uma das características indispensáveis ao TILS, ou seja: entender que a compreensão das metáforas transcende os aspectos formais da Língua Portuguesa e os da Libras, pois está diretamente ligada a questões culturais. Assim, uma metáfora conceptual não pode ser simplesmente criada por um sujeito obedecendo apenas a aspectos subjetivos, pois é preciso que ela seja compartilhada pelo conjunto de pessoas daquela sociedade.

Sem nos aprofundarmos no assunto, pois há muitas vertentes sobre a teoria da metáfora conceptual, é importante esclarecermos que, segundo Sardinha (2007), o conceito central dessa teoria sobre a metáfora é o mapeamento entre domínios conceituais, ou seja, do domínio fonte para o domínio alvo. Em outros termos, transportamos de um domínio para o outro não só o que conhecemos sobre o domínio fonte, mas também as inferências que podemos fazer nesse domínio. Por isso, o mapeamento deve ser entendido como o conjunto de correspondências conceituais. Nesse sentido, Sardinha (2007, p. 34) oferece-nos um exemplo interessante. A metáfora “A vida é uma caixa de chocolates” foi criada pela mídia, uma vez que foi dita no filme “Forest Gump”. Para entendê-la e apreender seu real sentido, é preciso assistir ao filme, somente assim ela poderá ser compartilhada com os demais. Poderíamos aqui também oferecer como exemplo a metáfora bíblica referente a Jesus como sendo “o Cordeiro de Deus”. Quem não conhece a Bíblia não é capaz de alcançar esse significado em sua complexidade. Não se trata de mapear características do animal (cordeiro), transportando-as para o domínio alvo (Jesus), mas de inferir o que o cordeiro significava para o povo judeu em sua práxis religiosa.

Nesse sentido, ouvintes e surdos se encontrarão no mesmo nível de compreensão se ambos conhecerem esse ritual e seu significado nas Sagradas Escrituras.

## 2.2 As metáforas nas Línguas de Sinais

Conforme Quadros (2007), para que o trabalho do TILS seja eficaz, é preciso que o tradutor tenha ampla convivência com a comunidade surda e sensibilidade para percebê-la.

Ser Intérprete de língua de sinais é muito mais do que ser identificado pela língua que fala, muito mais do que estar presente nas comunidades surdas ou ainda estabelecer um elo entre mundos linguísticos diferentes. Ser Intérprete é conflitar sua subjetividade de não surdo e surdo, é moldar seu corpo a partir da sua intencionalidade, reaprender o universo do sentir e do perceber, é uma mudança radical em que a cultura não é mais o único destaque do ser. (MARQUES; OLIVEIRA, 2009, p. 396-397).

Esses conceitos sobre a metáfora que rapidamente apresentamos nos remetem à questão da tradução e interpretação do Português para Libras. Nos trabalhos pioneiros de Wilcox (2000) sobre as metáforas em ASL, houve aprofundamentos sobre as metáforas em línguas de sinais, também na Libras. Nesse sentido, Taub (2001) disserta que:

[...] a metáfora e a iconicidade são processos baseados em mapeamento conceitual que funcionam da mesma maneira para línguas de sinais e orais; aí está a riqueza dos recursos icônicos da modalidade sinalizada que é responsável pela maior frequência de formas icônicas nas línguas de sinais. (TAUB, 2001, p. 113, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Baseada em Lakoff e Johnson, sobre a ASL, Wilcox (2000) elaborou a especificação das metáforas em que as ideias são tidas como objetos e a mente como um recipiente. É importante observar que as metáforas na Língua Portuguesa, a iconicidade e os chamados classificadores (CL) em Libras constituem e fazem parte dos recursos de construção e composição de significados em comunicação sinalizada. Para entendermos estes conceitos e suas relações com o estudo da tradução e interpretação de metáforas em Libras, faz-se necessária uma rápida explanação sobre recursos linguísticos nas modalidades sinalizadas, especificamente a iconicidade, a

---

<sup>18</sup> Trecho original em inglês: “[...] metaphor and iconicity are conceptual-mapping-based processes that function in the same way for signed and spoken languages; it is the richness of the signed modality’s iconic resources that accounts for the greater frequency of iconic forms in signed languages.”

arbitrariedade e os classificadores, muito importantes na produção do enunciado e como suporte às metáforas em Libras, como veremos a seguir.

**A iconicidade:** Segundo Albres (2008), é a propriedade das palavras ou dos sinais de representar as características físicas do referente (parte deste ou o todo), ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente. Basicamente, isso significa que, ao vermos um sinal icônico, não é obrigatório conhecermos Libras para identificar aquele objeto ou aquela ação sinalizada. Para melhor entendermos o que são os sinais icônicos em Libras, vejamos os exemplos a seguir:




---

ESCOVA / ESCOVAR OS DENTES

TELEFONE / TELEFONAR

---

Fonte: Libras - (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017

---

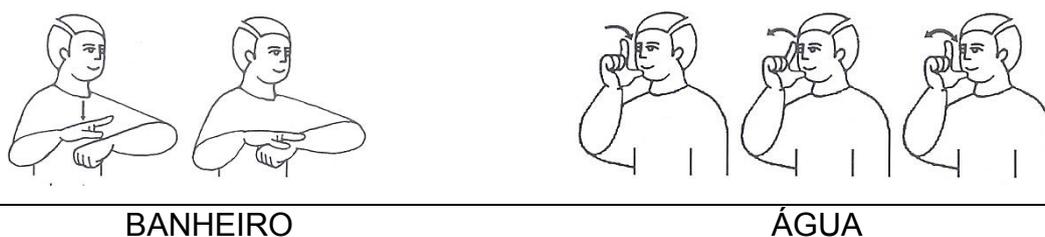
É muito importante também lembrar que as línguas de sinais não são universais, apesar de tais propriedades aqui citadas se apresentarem em todas as línguas sinalizadas. São diferentes devido às particularidades culturais de cada nação, como ocorre com as línguas orais. Assim, surdos estrangeiros empregam outras línguas de sinais (GESSER, 2009). Exemplificando, o sinal icônico em Libras para “árvore” é diferente quando produzido em Língua Dinamarquesa de Sinais, assim como também é diferente na Língua Chinesa de Sinais ou em qualquer outra. São sinais diferentes para o mesmo referente, porém todos são icônicos e representam as características físicas de seu referente, de acordo com os conceitos abstratos, culturais e regionais da nação a que pertencem. “Os surdos e a comunidade surda são plurais, como o é todo agrupamento humano. Toda identidade é dinâmica e é transformada continuamente.” (SÁ, 2006, p. 128).

**A arbitrariedade:** São os sinais que não possuem semelhança com o que se deseja representar. É uma característica básica de toda língua de sinais: a arbitrariedade entre significante e referente. O desconhecimento desta propriedade da língua de sinais leva muitos a acreditarem que ela não poderia ser considerada língua por ser apenas icônica, não representando, dessa maneira, conceitos

abstratos. Vemos, no entanto, que, segundo Saussure (1970), o conceito de arbitrariedade nas línguas estabelece um laço natural que une significante e significado. Isso pode ser percebido quando observamos a estrutura da língua de sinais e o porquê dessa característica integrar o conjunto dos sinais. O fato é que também em língua de sinais tais conceitos podem e são representados em toda sua complexidade.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. [...] O significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 1970, p. 83).

Para um melhor entendimento, temos aqui também dois exemplos de sinais arbitrários:



Fonte: Libras - (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017.

É fácil observar que não há “nenhum laço natural” entre o sinal e os substantivos “água” e “banheiro”. Diferentemente da iconicidade, a arbitrariedade tem a característica de não apresentar em sua produção representações físicas do objeto ou sequer de ações do enunciado. Essa liberdade articulatória das línguas de sinais é que torna a Libras uma língua tão complexa quanto as línguas orais. Isso também nos leva a outro fenômeno linguístico da Libras: os já mencionados classificadores, mesmo que frequentemente eles sejam confundidos com a arbitrariedade por eventualmente possuírem algumas características em comum.

**Os classificadores:** Como já exposto anteriormente, os (CLs) são recursos fundamentais na comunicação em Libras como um todo. Porém, pontuaremos sua importância mais especificamente no que se refere ao seu uso no processo tradutório de gêneros literários, no nosso caso específico, o gênero bíblico, posto que o ato de

interpretar em Libras, por definição, representa a transposição do discurso de uma modalidade oral auditiva ou textual para outra totalmente visual. Isso significa dizer que as características linguísticas, antes identificadas apenas pelo uso de mecanismos orais e textuais, como os vocábulos e sua disposição métrica, sua tipografia e características semânticas, agora dependem exclusivamente de recursos visuais, porém com os mesmos efeitos. Daí a importância do uso dos classificadores e da expressão facial e corporal. Conforme Campello (2008), os classificadores permitem que o sinalizador utilize diferentes características físicas ou emocionais presentes nos seus referentes. Essa característica torna tecnicamente impossível mostrarmos aqui em formato impresso, exemplos de classificadores, pois são “formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um objeto” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Dessa forma, concluímos que, quando nos deparamos com gêneros possuidores de características literárias ou com recursos estilísticos como as rimas, por exemplo, para conferirmos o mesmo efeito poético existente na língua-alvo aos interlocutores surdos, somente conseguiremos alcançar clareza e o entendimento esperados quando utilizamos os classificadores como ferramenta na ação tradutória da metáfora.

Também é importante lembrar, como já mencionamos anteriormente, que a interpretação depende de escolhas lexicais e expressivas realizadas pelo intérprete naquele momento. Dessa forma, o classificador o ajuda a alcançar o resultado satisfatório por meio de inúmeras formas diferentes. Nesse contexto, para ilustrarmos tal conceito, analisaremos um verso da música “Carinhoso” (PIXINGUINHA; JOÃO DE BARRO, 1937) para tradução em Libras, tentando mostrá-lo graficamente: “Vem, vem sentir o calor dos lábios meus a procura dos seus”. Nesse exemplo, o intérprete precisa incorporar o sentimento romântico do texto por meio de movimentos corporais e da expressão facial para demonstrar visualmente o sentido de desejo “ardente” contido na poesia que se apresenta.

Isso só pode ser realizado através de classificadores que “mostrem” fisicamente, com movimentos e expressivamente, o sujeito ardentemente convidando sua “amada” (implícita no texto) a “beijá-lo”. Qualquer outro recurso não faria sentido algum para os surdos, caso o intérprete apenas fizesse uma simples tradução da frase em questão. Portanto, para exemplificar uma tradução “não adequada” a esses pressupostos, teríamos:

---

“VEM^VOCÊ QUENTE SENTIR MEU BOCA PROCURAR SEU BOCA”

---

Com essa tradução, uma das possíveis interpretações que o surdo poderia construir seria algo como:

“Vem aqui você que está com calor, minha boca procura sua boca”

Poderíamos até considerá-la plausível se fizemos um “esforço” poético, contudo ela nada teria a ver com o sentido do verso original. Porém, se utilizarmos os recursos visuais adequadamente, como o uso dos classificadores, tal como ocorre na interpretação realizada pela intérprete Naiana Olah, nos frames abaixo, poderemos não só alcançar maior clareza para o público surdo, como também ser “fiel” ao texto poético:

---

VEM^VOCÊ QUENTE BOCA^PROCURAR^BOCA

---




---

Naiane Olah – Fonte: <<https://youtu.be/crgijqot1h8>>. Disponível em 26/01/2018

---

Esse é um exemplo de uma tradução adequada, aquela que não se confunde com a Língua Portuguesa; ao contrário, mantém o mesmo resultado linguístico da língua-alvo para o público alvo, ou seja, o surdo poderá ter as mesmas sensações e apropriar-se desse contexto poético assim como ocorre com qualquer leitor ou ouvinte da poesia.

Essas referências nos dão suporte ao propósito principal do nosso trabalho, que é analisar outro gênero literário, o bíblico, para tradução em Libras. No próprio texto bíblico, temos um norte para nos guiar em direção à nossa proposta de interpretação desse gênero para a língua de sinais: "Antes de tudo, saíam que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal. Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana [...]" (II Pedro 1.20-21). É necessário aqui também explicitar que, para o entendimento da Bíblia, nenhuma metodologia científica pode ser considerada totalmente capaz de corresponder aos

inúmeros recursos linguísticos contidos nos textos bíblicos. Por mais lícita que seja uma análise no contexto histórico, isso não será suficiente para a elucidação de uma linguagem complexa e que é estudada profundamente por séculos.

Qualquer técnica utilizada pelo intérprete poderá deixar ocultos vários aspectos próprios desse gênero, dados os vários e intrincados recursos linguísticos nele contidos. De fato, ao longo da história e ainda hoje, novos estudos e abordagens metodológicas tentam se mostrar eficazes no que se refere à tradução e à interpretação. A Igreja Católica no Brasil, por exemplo, possui hoje nove traduções oficiais com variações de estilo em cada uma delas<sup>19</sup>. Assim, podemos observar que, mesmo com a intenção de manter um distanciamento entre fé e pesquisa científica, somos obrigados a adotar um posicionamento diante daquilo que somente o autor do texto religioso talvez pudesse explicar, já que nele há dogmas religiosos. Assim, neste trabalho, a credibilidade nos fundamentos bíblicos não está em debate, mas apenas sua originalidade linguística e retórica.

Todavia é importante não confundir “literal” com “literalista”, pois este último nos levaria a uma perigosa postura fundamentalista, dado que este seria o resultado caso aceitássemos uma tradução palavra por palavra do texto religioso. Tal recurso não é suficiente como produção de sentido, como já postulamos. Torna-se fundamental compreender o texto religioso considerando as questões culturais, históricas e literárias da época. Também, nesse contexto, ao falarmos das metáforas, não queremos dizer que, com a tradução literal, deve-se obter um resultado por meio da simples transposição imediata de palavra por palavra, mas entender que o contexto histórico e cultural implícito no texto sagrado deverá ser exposto por aquele que preside ou celebra o momento religioso ou bíblico em que o texto esteja sendo produzido. E esta ação, como já dissemos, não é papel do intérprete em Libras.

Para entendermos melhor essas questões, vejamos o exemplo de uma das versões da tradução para o Português da passagem do Novo Testamento:

“Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas” (Lc 12:35-38).

Essa expressão, “cingir os rins”, significava à época colocar ao redor da cintura um cordão que amarrava a túnica, vestimenta usual daquele período, uma ação

---

<sup>19</sup> “Traduções Bíblicas Católica no Brasil (2000-2015). Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1420>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

própria dos preparativos iniciais de uma jornada de trabalho ou vigilância. Contudo, essa expressão é uma figura metafórica, aqui usada com o objetivo de propor que as pessoas estejam sempre preparadas, atentas, vigilantes, à disposição de Deus<sup>20</sup>. Ora, esta é uma interpretação possível; mas como podemos fazê-la diretamente sem que o público alvo dessa tradução tenha o conhecimento contextual e histórico que estamos tendo agora? Como responder ao questionamento, no nosso caso, do surdo, quando ele vir a interpretação e ler a passagem na escrita bíblica confrontando as diferenças entre o que ele “vê” e o que “lê”? Como já dissemos, podemos, ao nos desviarmos da fidelidade ao texto, desconstruir essa metáfora ao traduzirmos algo como: “Estejam sempre preparados e atentos”. Mesmo que alguns intérpretes acreditem nessa premissa, quantos de nós saberíamos prontamente o significado de “cingir os rins” naquele contexto histórico sem uma prévia pesquisa?

Esse é o papel de quem preside ou produz a homilética, e não do intérprete. Este é o ponto que nos traz ao objetivo principal de nossa proposta metodológica: não se trata apenas de propor um método inovador; pois, como já dito, ele é essencialmente intuitivo, mas descrever um procedimento didático e também ético, que pode ser utilizado na tradução em Libras, seja qual for a área temática envolvida, pois a fidelidade é a essência desta proposta. Tendo feito tais inferências e prosseguindo com a proposta de uma interpretação mais eficiente para o público surdo, passaremos a algumas observações no que se refere às metáforas de Cristo.

### **2.3 As metáforas de Cristo na Libras**

Para nos debruçarmos sobre as metáforas presentes na Bíblia, mais especificamente as utilizadas por Jesus, precisamos atentar para o fato de que este é um tema bastante complexo. Aqui falamos da “hermenêutica bíblica”, palavra que tem origem no verbo grego “hermeneuo” e do substantivo “hermeneia”, próprio da atividade do “hermeneuta”<sup>21</sup> cuja função é “explicar, interpretar, traduzir, falar com clareza” o conteúdo dos livros considerados sagrados. A origem dessa palavra vem da mitologia grega. Lawn (2007) esclarece que esses termos estão relacionados a

---

<sup>20</sup> Pe. Air José de Mendonça. Disponível em: <<http://www.santuariodemaria.com.br/rins-cingidos/>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

<sup>21</sup> Pessoa que se especializou na leitura e na interpretação de livros sagrados e antigos, geralmente de teor religioso ou filosófico; quem se especializou em hermenêutica. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hermeneuta/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

Hermes — o deus-mensageiro de pés alados. Cabia a ele transformar o que estava além do entendimento humano em algo que a inteligência humana pudesse assimilar. “Deriva do ‘hermeneuein’, em Grego, que significa interpretar (de onde vem o nome de Hermes), que, na antiguidade clássica, denotava a elucidação e a explicação das elusivas mensagens e sinais sagrados”. (LAWN, 2007, p. 66).

Longe de tentarmos nos tornar exegetas de um momento para o outro, é dever do TILS pura e simplesmente transmitir aquilo que Jesus falou e, dessa forma, traduzir, em Libras, com assertividade e proficiência, suas metáforas, mesmo que sejamos ignorantes em relação ao que elas representaram.

É nesse contexto que nos propomos oferecer uma ferramenta que alcance um resultado mais claro, sendo literal e fiel, sem sermos literalistas. Para isso, traremos a simplicidade das parábolas de Jesus nas palavras por ele usadas como ovelha, semente, fermento, luz e sal. No Novo Testamento, as parábolas são encontradas nos livros de Marcos, Mateus e Lucas. Também em João vemos que Jesus é luz, caminho, verdade, vida, água viva, pão da vida etc. A simplicidade ao se comunicar com as pessoas é sua característica mais marcante. Ao fazê-lo, percebemos que se adaptou ao contexto daquele tempo. Por meio de exemplos, semelhanças e alegorias, tornou mais clara sua mensagem. Podemos notar essa didática no evangelho de João, em que Jesus não diz, por exemplo, “Eu sou como a luz”, mas “Eu sou a luz [...]” (Jo 8:12). Ele não se compara com algo, mas afirma que é “vida”, é “pão”, é “cálice”, e é em João que tomaremos como exemplo a seguinte expressão proferida por Jesus: “Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo [...]” (Jo. 10:9)

Jesus utilizou essa metáfora porque, para as pessoas simples, cujo contexto social “era limitado ao trabalho e à subsistência das pessoas”<sup>22</sup>, era mais fácil entenderem como seria possível entrar no “reino do céu”. Assim ele o faz, utilizando essa transferência de sentido de uma “porta”, que permite o acesso de pessoas a um ambiente, para ele mesmo. O conceito associado ao domínio-fonte (porta) foi transportado para o domínio-alvo (Jesus). O que deve fazer o TILS nesse contexto? Deve tentar explicar que uma pessoa não pode ser efetivamente uma “porta”, ou deve deixar que o próprio texto literário se encarregue dessa função? Ao fazer sua própria análise e interpretação, talvez parafraseando o texto, o intérprete subestima a

---

<sup>22</sup> Disponível em: < <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/como-era-o-ensino-na-epoca-de-jesus/53276>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

capacidade do surdo de “ver” algo que transcende o termo que foi dito por Jesus. Trata-se de o surdo ser capaz de transportar o conceito associado à porta para o domínio-alvo (Jesus).

Num outro exemplo, no livro de Mateus, temos Jesus dizendo que: “Vós sois o sal da Terra... Vós sois a Luz do mundo” (Mt. 5:13-14). Não há dúvidas de que nenhuma pessoa é “sal” ou “luz”, mas Jesus utiliza estas figuras de linguagem, pois as pessoas que ali estavam sabiam que o “sal” é que dá sabor ao alimento ou evita que este se contamine. Assim, o conceito associado a sal agrega atributos de sabor e de preservação. É esse conceito com tais atributos que deve ser transportado para o domínio-alvo (os que creem em Jesus). Em outros termos, os que creem são aqueles que evitam a “contaminação” do pecado e o do mal que destrói os homens.

Da mesma forma, sabemos que ninguém é “luz”, mas Jesus também usou esse recurso para dizer que seus seguidores deveriam divulgar suas palavras. Jesus tinha acabado de transmitir as “bem-aventuranças”<sup>23</sup> e, naquele momento, ele delegava a todos os que as ouviram a função de serem disseminadores delas. Afinal, agregada ao conceito luz, está a ideia de clarificação e difusão da verdade. Esse conceito (domínio-fonte) deve ser transportado para o domínio-alvo (os que creem). Assim, mais uma vez, resta ao intérprete somente a sua função principal: interpretar o que está escrito ou proferido.

Em outro exemplo, em Lucas, temos outra figura metafórica ainda muito debatida entre os exegetas: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Lc. 18:25). Nessa passagem, nem mesmo entre os estudiosos dos textos bíblicos há um acordo sobre seu significado linguístico.

A teoria mais comum é a que diz que “camelo”, em grego, significava uma “corda grossa com que se amarravam os barcos”. Há quem afirme que a “agulha” seria uma pequena porta situada num dos grandes portões da muralha de Jerusalém<sup>24</sup>. Em outras análises hermenêuticas, podemos encontrar interpretações que relacionam efetivamente a figura de um “camelo passando por buraco de agulha”. Todavia, o que podemos extrair desse enunciado? O que Jesus quis dizer usando

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://eventos.cancaonova.com/pregacoes/todos-os-cristaos-sao-chamados-a-ser-sal-da-terra-e-luz-2/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.a12.com/redacaoa12/igreja/conhecendo-a-biblia-o-camelo-e-o-buraco-da-agulha>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

essa figura metafórica? É evidente que o atributo agregado à relação entre esses conceitos (agulha e camelo), em qualquer das interpretações, diz respeito à dificuldade da entrada de um camelo numa agulha, para ilustrar a dificuldade da entrada de um rico no céu. É essa “dificuldade” que deve ser transportada para o domínio-alvo (a entrada do rico no céu). Cremos que cabe aos TILS cumprirem a tarefa que lhes cabe ao traduzirem as mensagens de Jesus, que é levar fielmente a todos as palavras do Senhor, e não a própria interpretação, visto que esta pode ser errônea. Afinal, caberá a cada um que apreende as palavras de Jesus construir os significados daquilo que lhe foi dito em fidelidade ao texto bíblico.

É por esse prisma que passaremos a demonstrar nossa proposta, visando dar maior qualidade ao trabalho desse profissional a quem tantos perfis são exigidos durante o ato de traduzir. Para tanto, analisaremos exemplos de tradução da metáfora em Libras com três passagens do Novo Testamento já apresentadas aqui, além de outros exemplos que corroboram nosso posicionamento quanto à aplicabilidade deste método para qualquer tipo de produção discursiva.

### **3 CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRADUÇÃO**

Neste capítulo, uma proposta de sequência didática de tradução e interpretação será apresentada como ferramenta de análise para a tradução e interpretação em Libras para a Língua Portuguesa. Baseia-se na premissa de que não se aprende uma segunda língua se não se sabe uma primeira. Nesse sentido, Revuz (1998, p. 215) observa que “a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida após e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância”. Portanto, o resultado esperado ao utilizarmos qualquer possível técnica de aprendizagem de uma segunda língua se concretizará somente por intermédio de conceitos adquiridos no domínio da primeira, ou seja, é um processo dependente de conhecimentos da língua materna daquele indivíduo que é o sujeito aprendiz ou que se apropriou daquela língua, quer seja ele um surdo, usuário da Libras, ou um ouvinte, no nosso caso, usuário da Língua Portuguesa.

Mediante comparações sistemáticas entre as duas línguas, apoiados em teorias da tradução como ciência, revelaremos um procedimento embasado em conceitos culturais e linguísticos da língua-fonte e da língua-alvo. De fato, “O fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do

original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores.” (ARROJO,1986, p.12).

Ao ressaltarmos essas e outras importantes características entre as duas modalidades de línguas, estamos certos de que não se esgotam aqui todas as possibilidades de comparações ou de análises linguísticas da Libras. Apontando os referenciais necessários, evidenciaremos que este método é adequado ao evento tradutório da Língua Portuguesa para a Libras, não somente para um único gênero da língua-fonte, tais como os textos bíblicos, foco de nosso trabalho, mas também para qualquer outro gênero literário ou não literário. O método que apresentaremos tem por objetivo fornecer um processo que conduza o tradutor ou intérprete da Libras a seguir automaticamente o que ele já faz mentalmente ao intermediar um enunciado na sua língua materna, fazendo com que, no ato da transferência entre as línguas, sejam considerados o contexto, regras, normas e as especificidades de termos que deverão ser utilizados.

Dessa forma, assim como na Língua Portuguesa, torna-se fundamental para uma produção gramatical adequada uma análise sintática, mentalmente realizada; pois, com isso, será produzido sentido para que todos os envolvidos compreendam o texto, o evento ou o enunciado concreto em todas as suas dimensões expressas nesse dialogismo. Partindo destes conceitos iniciais, veremos, então, na prática da interpretação para a Libras, como ela deve ocorrer seguindo a sequência de nossa proposta “metodológica de tradução e interpretação”. Nosso método foi organizado em quatro sequências didáticas dos eventos ou momentos tradutórios, os quais chamaremos de “fases da tradução em Libras”. São elas: a “redução”, a “adaptação”, a “tradução” e a “interpretação”. Para tornar a compreensão e a aplicabilidade deste método proposto em um movimento gradual e de simples assimilação, iniciaremos nosso primeiro exemplo de análise a partir de uma frase classificada como não literária.

### **3.1 Caso de tradução não literária**

Para iniciarmos o movimento de nossa sequência didática para os gêneros não literários, escolhemos este exemplo:

“Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.”

### 1) Primeira fase, a “redução”:

Aqui, faremos a comparação básica entre as duas modalidades de língua confrontadas pela observação da tabela 1 como referência para esse nosso primeiro movimento tradutório. Com esse e outros exemplos em contextos de gêneros diferentes, teremos dois grupos sendo analisados: os estilos literários (no nosso estudo, os gêneros bíblicos) e os gêneros não literários.

Para os exemplos de gênero literário, ao utilizarmos textos bíblicos, nosso objetivo é o de contextualizar os grandes dilemas existentes no processo tradutório, observando a Libras também na questão da hermenêutica e da exegese bíblica. Na primeira ação de nossa proposta, a “redução”, como o próprio nome sugere, faremos a separação e a substituição de características gramaticais existentes entre a Língua Portuguesa e a Libras. Essa ação, contudo, não significa que não haja compatibilidades na língua de sinais, porém elas em geral possuem um equivalente implícito, incorporado visualmente ou mediante um conjunto de todos estes movimentos expressivos, que garantirão o mesmo sentido do enunciado fonte.

Já de início, iremos analisar se o pronome pessoal utilizado ou se o sujeito da oração está devidamente identificado no contexto. Em Libras, pronomes demonstrativos e pessoais não possuem marcas de gênero feminino ou masculino e, conseqüentemente, quando representamos a tradução na modalidade escrita para Libras, isso é feito de forma neutra, com o uso do símbolo “@”. Assim, nos casos dos pronomes “Eu”, “Ele” ou “Ela, seja como sujeito ou predicativo, ao descrevermos o sinal em Libras, a configuração de mão será a mesma para as três pessoas, e usaremos, neste exemplo, a (CM14) da tabela de Configurações de Mãos, na figura 3 (anterior). Apenas a “apontação” para o “emissor” ou “receptor” definirá quem é o sujeito, “EU”, “ELE” ou “ELA”, que representaremos pela escrita “EL@”. Ainda, havendo plurais, por exemplo, indicando duas pessoas ou mais, como em “NÓS”, ou indicando “EU e VOCÊ”, teremos a mesma configuração de mão (CM14), porém agora usaremos os dedos indicador e médio (CM49).

Todavia, o que queremos nesta fase é demonstrar que, se o sujeito está implícito no contexto, ou seja, se sou “eu” mesmo quem está falando, não há a necessidade da presença do “sinal EU” ou da respectiva apontação. Assim, no exemplo de frase proposta acima, já faremos a “redução” ou “exclusão” do pronome possessivo (“Meus”); pois, se sou eu o “emissor” e não indiquei nenhum outro sujeito,

está implícito que os amigos são os “meus”. Então, temos aqui a primeira ação desta fase, que é a remoção do pronome “Meus”.

Prosseguindo, ainda tomando como referência a tabela 1, os artigos definidos ou indefinidos, preposições, conectivos ou conjunções também não são utilizados, pois já estão normalmente incorporados ao evento visual da Libras, ou serão substituídos na fase seguinte. Assim, não teremos também em Libras as palavras “para”, “o” e “de”. Também, nesta primeira fase, ainda não nos preocuparemos com a sintaxe, mantendo o padrão utilizado na Língua Portuguesa, em geral (S-V-O = Sujeito + Verbo + Objeto).

Assim, o resultado da Primeira fase, será: “Domingo, amigos virão churrasco confraternização.”

**Como fica na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):**

“Domingo, amigos virão churrasco confraternização”.

**2) Segunda fase, a “adaptação” (gênero não literário):**

Passando agora para a segunda fase, observaremos outras questões gramaticais próprias da Libras. Continuando a consultar a nossa tabela 1, veremos os casos de conjugação verbal. Os verbos em Libras estão sempre no infinitivo e no singular. Além disso, na frase em questão, ao procurarmos uma equivalente ou uma “adaptação” para a flexão do verbo “vir” na 3ª pessoa do plural do futuro do presente do indicativo (“virão”), notaremos que não existe um léxico específico para esta palavra. Há, no dicionário da língua de sinais do Brasil (“A Libras em suas Mãos”), apenas o verbo “vir” (CAPOVILLA et al., 2017, v. 3, p. 2875). As conjugações verbais e a definição de espaço e tempo deverão ser articuladas por meio de recursos visuais espaciais ou dos “classificadores”. Dessa forma, as ENM estarão sempre presentes, do mesmo modo que estarão na questão da referência, ou não, ao sujeito na primeira fase (Redução). Sempre que não há alguma expressão não manual para indicação de tempo verbal, ela é automaticamente entendida e contextualizada como estando no tempo presente.

Isso quer dizer que, nesta fase, há ainda uma questão muito importante, que deve ser levada em consideração: o conjunto lexical da Língua Portuguesa é

significativamente maior do que na LIBRAS<sup>25</sup>. Isso expõe a importância do conhecimento que o intérprete deve ter da Língua Portuguesa. Dessa forma, ele poderá utilizar todos os recursos gramaticais possíveis, como os sinônimos, por exemplo, para tornar a compreensão mais eficaz para a pessoa surda, adequando as expressões ao léxico da Libras. Porém aqui a questão primária deve ser analisar o gênero na sua forma básica, se é literário ou não. Devemos também identificar qual seu objetivo e contexto. A frase que utilizamos como exemplo é uma simples mensagem ou um aviso, é caracteristicamente epistolar ou interpessoal e, conseqüentemente, pode ser classificada como um gênero não literário. Isso significa que sinônimos, substituições, ou adaptações contextuais são possíveis e devem ser utilizados sem a preocupação com cadência, ritmo e outras características próprias dos gêneros literários.

Todavia, precisamos dar especial atenção à palavra “confraternização”, pois esse item lexical também não existe no vocabulário da Libras. Nesse caso então, automaticamente, o intérprete deve buscar por uma substituição ou “adaptação”, por exemplo, mediante possíveis sinônimos. Como exemplo, podemos citar como possíveis substituições as palavras: intimidade, relação ou comunhão. Assumiremos, nesse contexto, que o mais apropriado é utilizarmos duas palavras que retratem o significado de “confraternização” na sua forma mais simples possível.

No dicionário Houaiss (2015), a palavra “confraternização”<sup>26</sup> está descrita como: “Demonstração, geralmente efusiva, de confraternidade”, “relação que une os companheiros da mesma confraria ou sociedade, ou de pessoas que têm a mesma atividade ou profissão.” No dicionário Houaiss, temos a acepção: “manter relações de camaradagem, familiaridade ou amizade.” (HOUAISS, 2015, p. 242). É importante deixar claro que, no ato tradutório ou interpretativo, as opções lexicais, o uso ou não de classificadores ou das expressões faciais e corporais são também questões de escolhas realizadas pelo intérprete.

---

<sup>25</sup> O Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis possui mais de 500.000, fonte: Saraiva. Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/michaelis-moderno-dicionario-da-lingua-portuguesa-acompanha-cd-rom-com-conteudo-do-dicionario-412915.html>>. Acesso em: 05 nov. 2017. A Libras possui mais de 13.400, na última edição do Prof. Fernando Capovilla, fonte: Jornal da USP. Acesso em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/edusp-lanca-nova-edicao-de-dicionario-de-libras/>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

<sup>26</sup> Dicionário (HOUAISS, 2015, p. 242).

Essas escolhas são pessoais e próprias do sujeito intérprete, e são dependentes de conceitos linguísticos existentes nas duas modalidades de língua, os quais são influenciados pela cultura e vivência desse intérprete. Baseando-nos nesses conceitos e comparações, optamos por escolher as palavras “festa” e “contato” para que, juntas, traduzidas para a Libras segundo o recurso da “incorporação” de sinais, possam construir o significado da palavra “confraternização”, agora na modalidade sinalizada. Isso será realizado com a execução dos sinais de “festa”, mais o sinal de “contato entre pessoas”, em Libras. Os verbos, como já dissemos, são sempre todos no infinitivo singular, e utilizaremos o “Sistema de Transcrição para a Libras” (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 24), o que explica o fato de escrevermos palavras com as letras maiúsculas e com caracteres especiais. Teremos, então, o seguinte resultado:

**Frase original:**

“Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.”

**Como fica na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):**

“Domingo, amigos virão churrasco confraternização.”

**Como fica na segunda fase, a “Adaptação” (S-V-O e gênero não literário):**

“DOMINGO, AMIG@ VIR CHURRASCO FESTA^CONTATO”

**3) Terceira fase, a “Tradução”:**

Até agora, fizemos várias transmutações no sentido de desvincularmos a Libras da Língua Portuguesa, evitando, assim, o terrível vício do “português sinalizado”. Porém, mantivemos a ordem predominante (S-V-O). Contudo é agora, nesta fase, que nosso foco se volta à sintaxe da Libras propriamente dita, e isso se dará mediante o que nós já tratamos como sendo chamado de “tópico comentário” ou “foco”.

Dessa forma, devemos nos perguntar agora: Qual o objeto ou objetivo principal desta frase? O que ela quer transmitir efetivamente? Se tivéssemos que resumir em uma única palavra, qual seria ela? Qual o “tópico” ou o seu “foco”? Respondendo a essas perguntas, segundo o exemplo mencionado acima, fica óbvia apenas uma resposta: é o “churrasco”. Em Libras, frequentemente, começamos a “falar” pelo tópico. Isso torna a Libras uma língua sinalizada direta, clara e objetiva.

Na Língua Portuguesa, também frequentemente utilizamos esse recurso, mas em geral apenas quando se trata da forma coloquial. Além disso, todas as expressões

não manuais (ENM), as intensificadoras (+), as expressões faciais (EF) e os classificadores (CL) devem agora aparecer nas ações interpretativas, que serão referenciadas ainda na forma escrita.

Enfim, chegamos à última fase na interpretação em Libras propriamente dita, viva e carregada de recursos, em que se acrescenta aí toda a estrutura essencial da Libras: as expressões não manuais, as escolhas, a formação do intérprete e todo um conjunto de mensagens visuais, as quais não é possível descrever senão pela própria ação de traduzir, que é efetivamente a quarta e última fase.

Volóchinov (2017) nos revela o caminho ao afirmar que a interpretação não é apenas uma transcrição de uma língua para outra, mas um fazer concreto, social e ideológico:

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação socio-discursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisadas por nós. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262).

Enfim, temos para nosso primeiro exemplo a seguinte sequência tradutória:

**Frase original:**

Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.

Em nossa proposta metodológica teremos:

**Na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):**

Domingo, amigos virão churrasco confraternização.

**Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):**

DOMINGO, AMIG@ (plural) VIR CHURRASCO FESTA^CONTATO.

**Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):**

CHURRASCO FESTA^CONTATO DOMINGO AMIG@ (pessoas)^VIR<sub>(CL)</sub>.




---

**CHURRASCO**

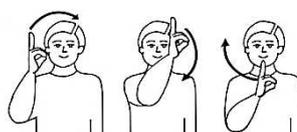
---




---

**FESTA^CONTATO**

---




---

**DOMINGO**

---




---

**AMIG@ (pessoas)^VIR<sub>(CL)</sub>**

---

Fonte: Libras - (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017

---

### **Na quarta fase, a “Interpretação”:**

Tradução da Língua Portuguesa, oral ou escrita, para a sinalizada em Libras.

Dito isso, vejamos, nos exemplos citados anteriormente das metáforas de Cristo, os casos em que os TILS podem encontrar maiores dificuldades.

### **3.2 Casos de tradução literária**

De acordo com o poeta e tradutor Manuel Bandeira (2015, p. 341), mencionando a *Estética* de Croce:

Toda tradução é impossível se pretende o transvasamento de uma expressão em outra, como o do líquido de um recipiente a outro; não podemos reduzir o que já tem forma estética a outra forma estética. Toda tradução, com efeito, ou diminui e estopia, ou cria uma

expressão nova. Assim, a tradução que merece o nome de boa é uma aproximação que tem valor original de obra de arte, e que pode viver independentemente.

Sob esta ótica e com os aportes teóricos abordados anteriormente, seguiremos demonstrando nossa proposta metodológica de tradução de textos bíblicos, agora analisando passagens bíblicas de livros do Novo Testamento. Contudo é relevante insistir que, em quaisquer circunstâncias, para traduzir bem é necessário conhecer profundamente a língua de partida e, é claro, a língua destino.

Com os gêneros textuais antigos e conseqüentemente a própria Bíblia, essa tarefa se torna ainda mais crítica. Não basta saber usar um dicionário, ou manipular um software como o “Bible Works”<sup>27</sup>, muito utilizado pelos exegetas, ou mesmo os dicionários em Libras disponíveis, embora estes sejam, sem dúvida, imprescindíveis para o nosso caso. Por esses motivos, fica claro que nossa proposta metodológica se mostra bastante útil e necessária para esta transferência interlíngua, já que conhecimentos profundos sobre aspectos literários, tais como estão presentes nos textos bíblicos, não estão acessíveis à maioria das pessoas.

A ideia é apresentar um procedimento que seja eficiente também para o gênero literário bíblico, assumindo-se, por exemplo, que não é obrigatório ser um médico para traduzir um discurso técnico desta área, e também que não se é necessário ser um autor ou poeta para interpretar versões literárias poéticas. Assim, essa proposta tratará, mais detidamente, das particularidades típicas do texto literário, as quais são, sem dúvida, diferentes e apresentam pressuposições diversas daquelas outras que são classificadas como não literárias. Esses pressupostos são apoiados pela afirmação de Nord (1991), ao defender sua proposta de uma tradução por ela nomeada de “funcional”:

A tradução é a produção de um texto funcional, que mantém uma relação com um determinado texto de origem cujas características específicas determinará a função pretendida para o texto alvo (tradução skopos). Sem a tradução funcional, isso não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais existentes, e somente assim

---

<sup>27</sup> Bible Works” é um programa de software para livros sacros de línguas originais para exegese e pesquisa bíblica. Ele vem com as Bíblias grega, hebraica e Septuaginta para uso em computador, bem como traduções em inglês, alemão, espanhol, chinês, coreano. Disponível em: <<https://www.bibleworks.com>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

poderá haver um ato comunicativo completo. (NORD, 1991, p. 28, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Assim como Nord, nossa proposta tem por objetivo atender a qualquer gênero fonte, seja ele literário ou não, a despeito de um conceito comum existente entre alguns autores, os quais acreditam que, nesses casos, deve-se transmitir a “intenção” do autor para a língua-alvo. Ao analisarmos uma bula de um medicamento, ou ainda uma propaganda de um telefone celular, manuais de computador, enfim, vários outros textos genéricos, ficam óbvias as intenções dos seus autores. No entanto, num gênero literário, isso não se constitui em verdade palpável, haja vista a distância entre a intenção do autor e o efeito esperado em seu público-alvo. Podemos exemplificar este distanciamento em alguns trechos de “Shopping for one” (CASSIDY, 1987), que apresentam elementos poéticos em sua produção literária, tais como ritmo e sonoridade. A autora, quando indagada sobre o uso desses recursos, afirmou desconhecer-los e não os ter produzido, não intencionalmente.

Nesse sentido, faremos agora uma demonstração de nossa proposta, objetivando não influenciar o sentido, tampouco indagar acerca de uma suposta “intenção” existente no discurso literário bíblico, mas sim levar à língua-alvo a integridade do original. Cremos que o cuidado com a “fidelidade” deve ser uma constante, a fim de evitar o risco do uso do “português sinalizado”, o que poderia, por exemplo, levar o intérprete despreparado a traduzir o versículo de Lucas (12:35-38) apresentado anteriormente: “Estejam cingidos os vossos rins [...]”, para o seguinte possível resultado: “Apertem os seus rins [...]”. Isso seria possível porque, segundo o dicionário da Língua de Portuguesa, o verbo “cingir” tem como uma das acepções o verbo “apertar” (HOUAISS, 2015, p. 213), e para “rim” a acepção de “o órgão humano que produz a urina” (HOUAISS, 2015, p. 830). Esse é o resultado da interpretação feita fora de contexto, palavra por palavra, chamado em Libras de “português sinalizado” e literalista.

Para melhor compreensão, utilizaremos um outro versículo do Novo Testamento, encontrado no livro de João, que também já mencionamos na introdução

---

<sup>28</sup> Trecho original em inglês: “Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation skopos). Translation allows a communicative act to take place which because of existing linguistic and cultural barriers would not have been possible without it.”

deste trabalho. Vejamos: "No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." (João 1:29).

### **1) A redução (Primeira fase):**

Como visto na primeira fase de nossa proposta metodológica, que chamamos de "redução", para qualquer gênero discursivo ou textual o procedimento será o mesmo, seja literário ou não. Assim, ao "reduzirmos" a frase, retirando (conforme as regras da tabela 1) as palavras "No" e "do" (artigo e preposição: contração), a palavra "que" (regra de pronomes: pronome relativo), a palavra "a" (pronome demonstrativo), a palavra "e" (conjunção), as palavras "o" (artigo), a palavra "de" (preposição) e a palavra "que" (pronome), teremos:

#### **Como fica o texto na primeira fase, a "redução" (S-V-O):**

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tira pecado mundo.

### **2) A adaptação (Segunda fase):**

Após realizarmos todas as análises já descritas no nosso primeiro exemplo para uma frase "não literária", temos também que responder à pergunta sobre o gênero do texto-alvo, se é literário ou não literário. Sem dúvida, essa passagem bíblica é um gênero literário, classificada basicamente como "épica ou narrativa".

Podemos, na Bíblia, encontrar os mais variados gêneros literários<sup>29</sup>, como narrativas (histórico e didático), biografias, leis, poesias, hinos, canções, provérbios, cartas, discursos, profecias, mito, saga, legenda, conto, fábula, alegoria e parábola. Todos esses gêneros são utilizados visando contextualizar e descrever como Deus se relaciona com o homem.

Por se tratar de um texto considerado sagrado pelos crentes, é necessário que este seja analisado com uma atenção ainda maior, pois deverá manter-se fiel ao sentido. Deve aqui o intérprete questionar-se acerca dos conhecimentos que possui sobre o assunto, a fim de verificar se são suficientes a ponto de desconstruir uma metáfora ou qualquer outra figura de estilo utilizada no texto. Em outros termos, caso não possua os conhecimentos necessários, o intérprete pode, ao resumir os

---

<sup>29</sup> "Conhecendo a Bíblia Sagrada" Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/conhecendo-a-biblia-sagrada/5/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

enunciados, modificar um sentido baseando-se apenas em suas próprias conclusões e convicções.

Vejam a importância destas indagações quanto ao significado e contexto histórico num outro trecho bíblico extraído no Livro do Gênesis:

Toma uma novilha de três anos, respondeu-lhe o Senhor, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e um pombinho. Abrão tomou todos esses animais, e dividiu-os pelo meio, colocando suas metades uma defronte da outra; mas não cortou as aves. (Gn 15:9-10).

Também aqui nesta leitura, é comum nos depararmos com intérpretes que deixam de lado o contexto e o fato histórico, devido à dificuldade em descrever um cenário que não é comum em nossos dias. De fato, torna-se uma ideia “estranha” ao homem contemporâneo falar de animais sendo sacrificados a pedido de Deus. E, de fato, isso se tornaria inaceitável se não fosse considerado que existia verdadeiramente um evento “contratual” sendo descrito, o que era muito comum naquela época. Não se trata de um contrato como os que estamos acostumados, em papel, impressos, com “firma reconhecida”, mas de um contrato proposto por Deus a Abraão. Tratava-se de um “pacto de sangue”. Este era o costume naquela época, feito entre duas partes interessadas que concordavam com os termos de um acordo (pacto ou aliança), ou seja: sacrificavam animais, cortavam-nos ao meio, dispunham-nos no chão com um espaço entre suas duas metades. As partes interessadas nesse contrato, então, repetiam os termos do pacto e, de mãos dadas, passavam pelo meio dos animais sacrificados. O animal morto naquele contexto significava duas coisas:

1) Uma das partes que quebrasse o pacto ou qualquer de seus termos teria o seu sangue derramado como o daquele animal.

2) O animal era um substituto e simbolizava as pessoas que naquele momento faziam o pacto, isto é, elas se consideravam mortas e por isso não poderiam mudar aquele acordo. Era algo imutável.<sup>30</sup> (Fonte: Fórum Evangelho – a doutrina de Jesus Cristo).

Voltando ao nosso exemplo extraído do Novo Testamento, a mesma análise histórica ou contextual deve ser realizada pelo intérprete ao traduzir a palavra “cordeiro”. Cabem aqui algumas perguntas, tais como: podemos “chamar” Jesus de “cordeiro”? Como posso comparar o chamado “filho de Deus” a um animal?

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://forumevangelho.com.br/t1005-pacto-com-abraao-porque-somente-d-us-passou-entre-os-pedacos-dos-animais-sacrificados>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

A resposta é simples. Era mesmo como um “cordeiro” que Jesus era visto e descrito nas escrituras e profecias, e como um “cordeiro” ele seria oferecido em sacrifício, pois era essa a promessa de Deus, oferecê-lo em sacrifício para a “remissão de nossos pecados”.<sup>31</sup> (Is 53:7; At 10:43). Dessa forma, o intérprete deve, pelos motivos já descritos, traduzir claramente (fielmente) tanto o cenário do sacrifício dos animais quanto a comparação de Jesus ao “animal”, um cordeiro, mesmo que a palavra “cordeiro”, tenha também um duplo sentido, sendo o segundo “um filhote de carneiro de até um ano de idade”. (HOUAISS, 2015, p. 262).

Porém, para as palavras “viu” e “vinha” nesse mesmo texto, se o intérprete seguisse este raciocínio e erroneamente confundisse “fidelidade literária” com “português sinalizado”, que é a tradução palavra por palavra, ele nada encontraria no dicionário de Libras, pois as duas são flexões do verbo “vir” (transitivo indireto) no infinitivo<sup>32</sup>, que, conforme nossa tabela 1 (comparativa), tem como correspondente em Libras o sinal “VIR” para (“viu” e “vinha”) nesse contexto. Assim, poderemos encontrar um sinal correspondente aos verbos “VER” e “VIR” no dicionário Libras” (CAPOVILLA et al., 2017, v. 3, p. 2844, 2875).

Todavia, para traduzirmos mediante a utilização de verbos a ação contida em “João viu” e em “Jesus vinha”, realizadas pelos personagens bíblicos, devemos observar novamente nossa tabela comparativa (tabela 1). Nela, encontramos os “verbos em ação” ou os chamados “classificadores”. Ferreira (2010, p. 103) afirma que “os classificadores (CLs) funcionam como partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados de verbos de movimento ou de localização”. Portanto, as ações dos sujeitos em “ver” e “vir”, o advérbio “eis”, cujo correspondente poderia ser “aqui está”, e a expressão “tirar o pecado” serão representados através de classificadores.

Então, prosseguindo com nossa proposta, temos até agora:

**Frase original:**

No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

**Como fica na primeira fase, a “redução” (S-V-O):**

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

<sup>32</sup> Língua portuguesa disponível em: <<http://www.lpeu.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tira pecado mundo.

**Como fica na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero literário):**

DIA^SEGUINTE, JOÃO^VER JESUS^VIR (CL vir a ele - João) (CL dizer a Jesus): EIS CORDEIRO DEUS, TIRAR PECADO MUNDO.

**3) Terceira fase, a “Tradução”:**

Nesta terceira fase, como já foi dito, não mais seguiremos o padrão da Língua Portuguesa. Deixaremos de lado a estrutura básica (S-V-O) para aplicarmos a gramática e sintaxe próprias da Libras, que é o “tópico comentário” ou o “foco”. Portanto, novamente nos perguntamos: qual é a mensagem principal que é transmitida pela frase em análise? Qual o seu foco?

Podemos perceber que é o fato de João, ao ver Jesus se aproximando, expressar sua crença e fé, afirmando sua divindade. Devemos também salientar que fica evidente a dificuldade em representar no formato impresso a comunicação em Libras. Não é tarefa fácil, e diríamos ser mesmo quase impossível, já que ficou claro em excertos anteriores que se trata de uma língua de sinais. E, por tratar-se de uma língua visual, mesmo que tentássemos utilizar a sua modalidade escrita, o *SignWriting*, o resultado seria frutífero apenas para um reduzido grupo de pessoas, já que a escrita de sinais infelizmente apenas é conhecida por uma pequena parcela da comunidade surda. Dessa forma, vejamos como o nosso método proposto encerra este processo interpretativo, chegando agora à tradução propriamente dita da frase em Língua brasileira de sinais:

**Frase original:**

No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

**Como fica na primeira fase, a “redução” (S-V-O):**

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tirar pecado mundo.

**Como fica na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero literário):**

DIA^SEGUINTE, JOÃO^VER JESUS^VIR (CL vir a ele - João) (CL dizer a Jesus): EIS CORDEIRO DEUS, TIRAR PECADO MUNDO.

**Como fica na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):**

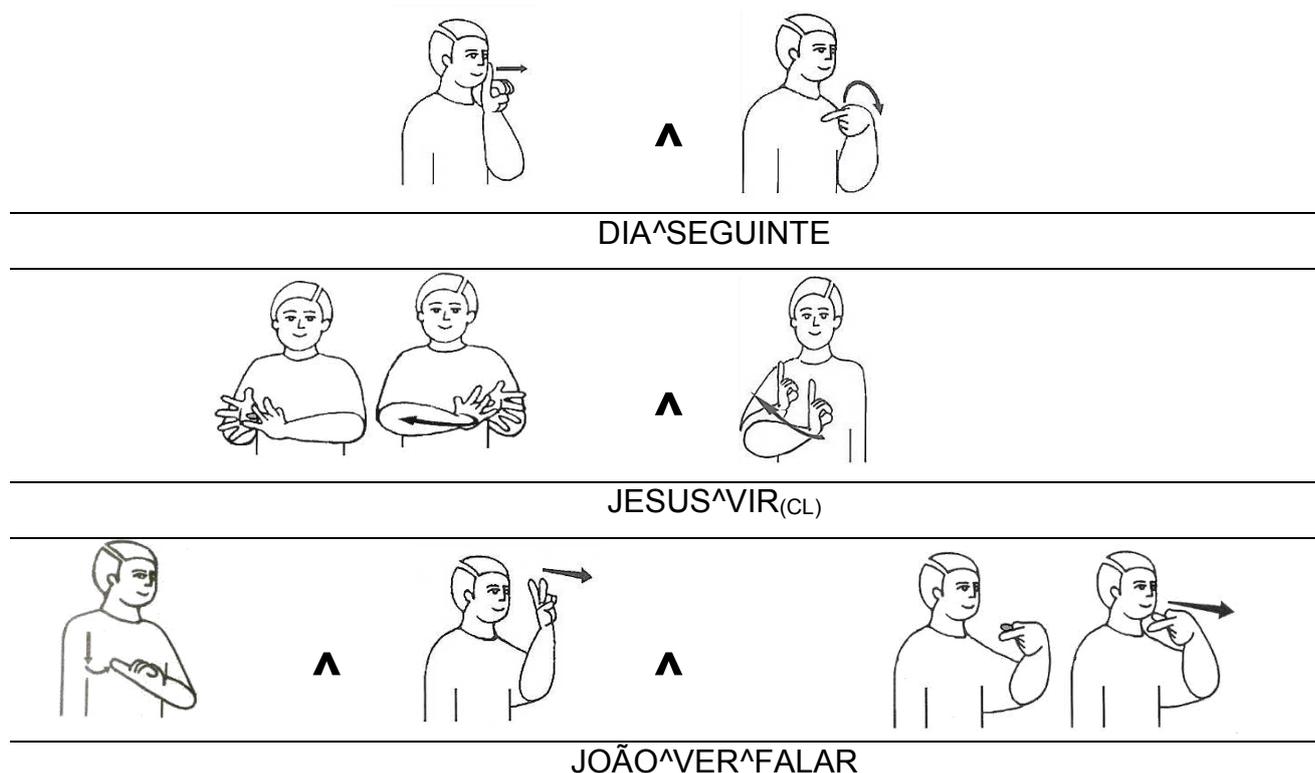
DIA^SEGUINTE JESUS^VIR<sub>(CL)</sub> JOÃO^VER FALAR EL@ CORDEIR@ DEUS MUNDO PECADO-AFASTAR

Agora, veremos como ficará a sequência dos sinais em Libras, lembrando que nunca uma interpretação é a mais ou a menos correta. No entanto, com esse procedimento podemos conseguir uma tradução eficiente e responsável. Isso é possível mediante o uso correto dos recursos linguísticos tanto da língua-fonte quanto da língua-alvo, com o objetivo de transmitir o enunciado em todo o seu propósito. “O tradutor responsável é aquele que com os recursos de que dispõe e com as limitações a que não pode escapar, produz um texto que corresponda de modo razoável ao texto original” (BRITTO, 2012, p. 37).

**Frase original (primeiro exemplo de texto bíblico):**

“No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29).

Traduzido para Libras (interpretação em Libras):






---

EL@^CORDEIR@^DEUS

---




---

MUNDO^PECADO-AFASTAR

---

Fonte: Dicionário (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017

Podemos notar, nas traduções em que utilizamos esta metodologia, que os resultados são bastante positivos no que se refere à clareza e à coerência quando comparadas ao enunciado fonte. A fundamentação que estamos utilizando vem ao encontro do que postula Nord (1991) sobre o uso de um mecanismo eficiente de adaptação na tradução, tendo como referência a “Skopostheorie”<sup>33</sup> do linguista Hans Vermeer, que pressupõe que a tradução ou interpretação devem levar em consideração a proposta dos textos fonte e de chegada.

[...] tem que haver uma certa relação entre o texto fonte e o texto alvo. No entanto, a qualidade e quantidade desta relação são especificadas pela tradução skopos. Estes fornecerão os critérios para a decisão sobre quais elementos contextuais da situação fonte pode ser ‘preservado’ e que pode, ou deve ser ‘adaptado’ à situação alvo. (NORD, 1991, p. 28, grifo do autor, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Assim como no exemplo anteriormente proposto com a poesia de Carlos Drummond de Andrade (“No meio do caminho”), aqui também não podemos tirar do surdo suas possibilidades de escolhas interpretativas em relação ao significado bíblico de o “cordeiro” de Deus. Em outros exemplos dessas situações, poderemos encontrar outras ocorrências em trechos bíblicos que, ao expressarem a relação do homem com

---

<sup>33</sup> Expressão de origem grega skopos, que significa “propósito”.

<sup>34</sup> Trecho original em inglês: “[...] there can be no process of translation without a source text. [...] there has to be a certain relationship between the source text and the target text. However, the quality and quantity of this relationship are specified by the translation skopos. The skopos will provide the criteria for the decision as to which elements of the source text in situation can be ‘preserved’ and which may, or must, be ‘adapted’ to the target situation”.

Deus, utilizam formatos difíceis de serem fielmente traduzidos pelo intérprete. Por exemplo, “temer a Deus” é uma expressão muito comum no contexto bíblico, e muitas vezes o intérprete a transpõe para um simples “respeitar a Deus”. Ora, naquele contexto histórico, social e cultural, os crentes, fervorosos na fé, realmente “temiam” a Deus! Não se produz nada mais “suave” com esta troca a não ser o distanciamento do que realmente a expressão representava naquela época.

Quando o tradutor transpõe a expressão sem ser fiel ao real sentido, muda na verdade o seu sentido. De fato, o temor a Deus era uma realidade profética e de crença comum. Trata-se de uma expressão antiquada, mas isso não significa que expressões e imagens antigas passíveis de interpretações errôneas tenham que ser necessariamente banidas ou ignoradas mediante do uso de conceitos menos complexos. Contudo é impossível eliminar da Bíblia a figura do Deus guerreiro, a ideia do sacrifício etc., muito menos ignorar as metáforas quase espontâneas de céu, abismo, trevas, luz. Elas fazem parte dos próprios processos cognitivos (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Neste trabalho, ao aceitarmos estes princípios, assumimos que a responsabilidade do intérprete não é catequizar ou assumir uma posição homilética<sup>35</sup>; pois, como dissemos, essa não é sua função. Entendemos que tentar traduzir um texto metafórico impondo uma significação é essencialmente destruir sua natureza literária, pois automaticamente ela não mais teria esta identidade. Assim, juntamente com esta proposta metodológica, o que pretendemos é que o intérprete ou mesmo o aprendiz consiga tornar a tradução um processo automático e produtivo sem incorrer no risco identificado por Nord (1997, p. 103), de que intérpretes que não tivessem estudado Letras não poderiam interpretar gêneros literários. Por isso mesmo, esta proposta metodológica destina-se a qualquer tradutor, intérprete ou aprendiz. Ao seguirmos esta sequência didática, pretendemos fazer com que o aprendizado da Libras ocorra da mesma forma que o da Língua Portuguesa quando o professor esclarece as relações sintáticas entre os termos de uma frase:

A análise sintática serve para tornar claras e racionalmente perceptíveis as relações entre os membros da frase (sua concordância, sua regência, sua colocação); serve mais, como elemento de verificação da boa construção de uma frase: a análise lhe

---

<sup>35</sup> Arte de pregar sermões religiosos; eloquência sagrada. (HOUAISS, 2015, p. 513).

revelará o ponto fraco, a estrutura mal urdida; permite ainda, racionalizar a pontuação. (KURY, 1997, p. 13).

Em nossa experiência no ensino de Libras, pudemos constatar que o entendimento da organização gramatical da Libras em relação à Língua Portuguesa só é adquirida se seu processo sintático é apreendido na prática. Como isso, temos conseguido expurgar do futuro intérprete a sina de traduzir utilizando o português sinalizado. Desenvolvemos até mesmo um “simulador” em forma de tabuleiro, que ainda não possui um nome específico. Por ora, nomeamos tal tabuleiro de “jogo da tradução”, que nos proporciona uma ferramenta didática de aplicação deste método. Essa ferramenta é formada por um quadro branco magnético utilizado para ensino e anotações de avisos e mais um conjunto de cartas também magnéticas, contendo letras do alfabeto manual em Libras, bem como símbolos ilustrados na convenção da escrita em Libras. Desse modo, executamos as traduções literárias ou não literárias, passo a passo, em suas três fases como descritas aqui. Assim, o aluno pode visualizar, na prática, o processo tradutório sendo exercitado ao concluir com a quarta fase, a interpretação propriamente dita.

O aprendiz realiza as três fases, inicialmente com a construção da frase fonte. Em seguida, compõe a sentença com as letras móveis, colocando-as em sequência correta. Constrói as frases, executando, assim, a “datilologia”, memorizando o próprio alfabeto da língua de sinais, já que as letras não estão lá impressas em português, apenas contêm as figuras das mãos em Libras. Ao fazer isso, um dos objetivos do ensino já é alcançado: o aluno não lê mais em português, mas sim em Libras. Depois, na primeira fase, ele começa, mediante a simples retirada de letras “s”, preposições, artigos, pronomes, como já descrevemos, “reduzindo”, chegando a um modelo que já não é mais a Língua Portuguesa. Com isso, ele agora observa o texto com os olhos do surdo, e já reconhece ali a existência de unidades lexicais que não combinam com a Língua brasileira de sinais. Então, utilizando ferramentas como dicionários da Língua Portuguesa, dicionários de sinônimos e de Libras, o aluno começa a fazer as “adaptações” necessárias, pois ele já percebeu que aquilo ainda não é Libras.

Ao procurar a relação lexical e sintática da Língua Portuguesa com a língua de sinais, aos poucos a Libras começa a fazer parte do seu cognitivo, e ele entende que pode construir todo e qualquer tipo de expressão mediante uma língua sinalizada. Vê então que existem equivalentes e referenciais que expressam todo conhecimento comunicativo, pois ele os encontra não só nos sinais, mas na forma de pensar e agir

do surdo. Substitui e adapta aquela língua ao modo de “falar” do surdo, por meio das mãos, sinais, e expressões que também podem ser representadas graficamente, criando, assim, um elo entre as duas modalidades de língua.

Ele passa agora para a terceira fase, e finalmente começa a mudar o posicionamento dos elementos gramaticais. Agora ele vê com o olhar do surdo: a sintaxe não é essa, precisa mudar, e ele começa a raciocinar em Libras. Começa aí a efetiva tradução para a língua de sinais.

Ele vê o objeto como foco ou tópico, muda o sujeito, transforma o verbo em ações ou, como chamamos em Libras, em classificadores, e os posiciona numa sequência agora muito clara, mesmo para ele, ouvinte, que agora se torna um surdo por opção. Porém, ainda sente que falta algo, e sabe que se trata do verdadeiro “falar em Libras”. É preciso agora executar os sinais, transmitir a emoção, a entonação, produzir o enunciado concreto visualmente. O aluno ouvinte, agora um falante da Libras, vai até a frente da sala e executa a sua tradução, a quarta fase, e produz uma comunicação concreta, rica e cheia de significado para ele e principalmente para os surdos, coroando enfim todo o processo de aprendizagem da Libras.

Vejamos agora nosso método aplicado a outros textos bíblicos citados:

**Frase original (segundo exemplo de texto bíblico):**

“Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo [...]” (Jo. 10:9)

Como vimos anteriormente, na fase da redução e tomando como referência as informações contidas nos itens 1 e 5 da tabela 1, na expressão “Eu sou”, do versículo de João, temos o uso do pronome pessoal mais um verbo de ligação (ser). Em Libras, como sabemos, normalmente o pronome é um “marcador de concordância” que é produzido por meio de “apontação” manual com a configuração (CM14) ou (CM52), conforme a Tabela de Configuração de Mãos. Também sabemos que os verbos de ligação “ser” e “estar” devem ser omitidos por estarem implícitos nesse marcador, assim teremos:

**Na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):**

EU PORTA. QUEM ENTRAR M@ SALVAR

Na fase seguinte, que consiste na adaptação, começamos a transição para a Libras, lembrando que é nessa fase que o gênero linguístico deve ser identificado, pois as “adaptações” que serão necessárias são dependentes dessa classificação literária no enunciado fonte. No nosso caso, trata-se do gênero bíblico e, portanto, a fidelidade ao texto é muito importante. O pronome “quem”, utilizado para identificar naquele contexto “qualquer pessoa”, deverá ser substituído por outro sinal em Libras, que deverá ter o mesmo significado para a palavra “pessoa”. O substantivo “porta” é uma metáfora que nos conduz a um possível sentido de ser “uma passagem para a salvação” e, portanto, deve ser preservado, como já discutimos anteriormente. É importante também observarmos que o verbo “ser” está no futuro do indicativo; assim, teremos que usar algum outro recurso visual para indicar que ele “terá” a salvação. Caso contrário, estaremos correndo o risco de modificar o sentido original da frase. Talvez, ao não observarmos essa regra, possivelmente alteraríamos o sentido para a expressão “me salvar” e não a que diz que “ele” se salvará. Podemos utilizar aqui uma das possíveis escolhas interpretativas, que é o uso do verbo “ter” em Libras. São plausíveis também outras escolhas, como a utilização dos verbos “conseguir” ou “acontecer”.

Assim, na segunda fase, temos:

**Segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):**

EU PORTA, PESSOA ENTRAR M@ TER SALVAR

Prosseguindo, já na terceira fase, a Libras deve ocupar totalmente o seu espaço. Assim sendo, a sinalização feita em Libras: PESSOA^ENTRAR<sub>(CL)</sub>, será realizada por um único sinal. Nesse caso, será um classificador que represente uma “pessoa entrando” pela “porta”. Assim, utilizaremos a convenção de escrita em Libras, sendo o classificador identificado pela sigla (CL), em subscrito. Seguindo esses parâmetros, teremos:

**Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):**

EU^PORTA. TER SALVAR PESSOA^ENTRAR^ME<sub>(CL)</sub>

Passando agora para o nosso terceiro exemplo de uso da nossa sequência didática, usaremos o texto contido em Mateus, capítulo 5, em que há o relato do

“Sermão da Montanha”, quando Jesus descreve as “Bem-aventuranças”. Notem que a própria expressão “bem-aventurança” apresenta grande dificuldade para o intérprete em Libras, já que não existe uma correspondência específica para este termo no “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos” (CAPOVILLA et al., 2017), que é nossa referência principal para consulta de sinais.

Essa falta de correspondência é uma situação recorrente para o profissional intérprete que, em poucos segundos, tem que encontrar um sinal que represente uma expressão muito pouco utilizada em nossos dias. “Bem-aventurado” é de origem grega, “makários”, e significa “homem cuja vida é invejada por ser um privilegiado por Deus nos seus planos beneficentes”. Assim, podemos facilmente traduzi-la por ‘bendito’ ou ‘abençoado’<sup>36</sup>.

Mais popularmente, temos que a acepção de “aventurança” está relacionada à palavra “ventura”<sup>37</sup>, cujo significado poderia ser “felicidade” (HOUAISS, 2015, p. 963). Assim, utilizaremos tal palavra como léxico correspondente em Libras. Contudo, fica óbvia a dificuldade do intérprete, se este não possuir os conhecimentos linguísticos e socioculturais necessários para sua atuação.

Porém, a própria composição linguística das bem-aventuranças pronunciadas por Jesus nos dá o caminho para a solução deste problema. Ao lermos todas as bem-aventuranças, notaremos que são constituídas por metáforas que se relacionam à “sorte”, à “alegria”, à “felicidade” e a outras acepções semelhantes. Por isso, a postura ética e a correta técnica da interpretação devem seguir regras de tradução básicas, das quais trataremos um pouco mais à frente.

Assim, vejamos como devemos proceder na tradução de uma dessas bem-aventuranças em Mt 5:13.

**Frase original (terceiro exemplo de texto bíblico):**

“Vós sois o sal da Terra” (Mt. 5:13)

Seguindo as orientações anteriores para a fase da redução, sabemos que não se usa em Libras artigos e o elemento de ligação (“o” e “da”). Assim teremos:

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/comentario-exegetico-%E2%80%93-dia-de-todos-os-santos/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/tododemaria/bem-aventurados-os-pobres-de-coracao/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

**Na primeira fase, o da “Redução” (S-V-O):**

VÓS SOIS SAL TERRA

Passando para a fase da adaptação, veremos que “vós” pode ser substituído por “vocês”, e “sois” tem o verbo “ser” como infinitivo. Sendo um verbo de ligação, o verbo ser não será traduzido, porém ambas as acepções possuem referentes em Libras.

A palavra “sal”, para os povos antigos, significava a única forma de proteger e evitar a contaminação dos alimentos<sup>38</sup>, além de lhes dar sabor. Sem dúvida, Jesus utiliza esse referente de forma metafórica, a qual não temos o direito de desconstruir. Contudo, para a palavra “terra”, a inferência possível para aquele contexto seria o “mundo humano”, e Jesus espera que os que creem nele sejam “sal”, como aqueles que evitam o pecado como contaminação, ou que sejam fonte de “sabor” para a vida. Mas esta é uma escolha interpretativa particular; portanto, para evitarmos isso, teremos nesta fase o seguinte grupo de sinais:

**Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):**

VOCÊS SAL MUNDO

Novamente, agora na terceira fase, a Libras deve compor o resultado final. Para interpretarmos com fidelidade esse texto bíblico, como propusemos, e pelos motivos já expostos, manteremos “sal” e substituiremos “terra” por “mundo”, os quais devem ser mantidos como na língua-alvo.

Contudo, ao utilizarmos a gramática da Libras, se não oferecermos algum recurso visual para que o surdo perceba a existência da figura metafórica envolvida no texto, o resultado pode ser catastrófico; algo como: “VOCÊS SALGAM O MUNDO”. Para evitar esse equívoco, usaremos o adjetivo “IGUAL”, o que nos levará à seguinte possibilidade tradutória:

**Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):**

SAL MUNDO VOCÊS IGUAL

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/homilia-do-d-henrique-soares-da-costa-%E2%80%93-v-domingo-do-tempo-comum-%E2%80%93-ano-a/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

Chegamos então à quarta fase, em que realizaremos esta tradução, na prática, em Libras.

Passando agora para o nosso quarto exemplo de tradução literária, analisaremos a passagem que já citamos anteriormente, a qual é muito conhecida e que também é muito debatida em seus possíveis significados:

**Frase original (quarto exemplo de texto bíblico):**

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Lc. 18:25).

Como vimos, a interpretação adequada implica manter os sinais para “CAMELO” e “AGULHA” em Libras, visando manter a fidelidade da metáfora utilizada por Jesus, quando basicamente afirma que é impossível um “rico” entrar no “Reino de Deus”. Novamente, há aqui a nossa inferência, que é um ponto de vista particular. Para evitarmos essa influência pessoal, devemos seguir nosso roteiro metodológico: a fase da redução:

**Primeira fase, a “Redução” (S-V-O):**

MAIS FÁCIL CAMELO PASSAR BURACO AGULHA RICO ENTRAR REINO DEUS

Por mais que pareça estar distorcido o sentido original nessa primeira fase, precisamos superar o desejo quase irresistível de já fazer uma tradução em Libras. Nesse momento, devemos continuar a seguir as regras de nosso “jogo da tradução”.

Isso ocorre porque aqui ainda não há sentido nem em Libras nem em Língua Portuguesa. Mas, ao seguirmos a sequência proposta, o processo tradutório torna-se um evento natural. Isso ocorrerá automaticamente após alguns exercícios.

Esse resultado é o mesmo que ocorre com o processo de “análise sintática” que aprendemos no estudo da Língua de Portuguesa. Esse método nos proporcionará o mesmo efeito na tradução e interpretação em Libras. Portanto, prosseguindo para a próxima fase, a adaptação, devemos nos preocupar com as palavras: “mais” e “buraco”.

Para o intérprete despreparado, a palavra “mais” pode ser confundida com uma conjunção aditiva, o que é um erro recorrente, pois leva ao uso do português sinalizado. Podemos notar que existem oito variações de sinais para a acepção “mais” no dicionário de Libras (CAPOVILLA et al., 2017, v. 2, p. 1744-1745). Escolhemos o sétimo verbete identificado por “mais (7)”, no dicionário. No contexto da frase, essa palavra é usada como advérbio de intensidade, e também deverá ter em Libras um intensificador equivalente. Para isso, o mais indicado é o uso de um classificador “intensificador” realizado junto ao sinal em Libras para “FÁCIL”, indicado pelo símbolo (+), em subscrito, conforme previsto na convenção de escrita em Libras.

Para o substantivo “buraco”, no contexto de “buraco da agulha”, não existe no dicionário de Libras uma tradução específica, mas há o sinal de “AGULHA”, que possui duas variações, sendo que somente uma se adapta ao contexto em questão. Neste caso, o sinal escolhido é uma “agulha” usada para costurar (CAPOVILLA et al., 2017, v. 1, p. 136). Como este sinal apenas representa a própria “agulha” e não o “buraco da agulha”, o intérprete terá que utilizar novamente dos “classificadores”, pois ele não poderá ignorar o fato de que a metáfora se refere a um “camelo” passando por um buraco de “agulha”.

Além disso, temos a conjunção comparativa “do que”, que também não tem um sinal específico em Libras. Portanto, para não fugirmos ao sentido metafórico exposto, uma das possibilidades seria dizer que: “um passará” (o camelo), e o outro “não” (o rico). Como temos um correspondente em Libras para “camelo” no dicionário de Libras, então na adaptação teremos:

**Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):**

MAIS<sup>+</sup>FÁCIL CAMELO PASSAR<sup>+</sup>BURACO<sup>+</sup>AGULHA NÃO RICO ENTRAR REINO DEUS

Finalmente, agora em Libras, teremos:

**Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):**

FÁCIL<sup>(+)</sup> BURACO<sup>+</sup>AGULHA<sup>+</sup>COSTURAR CAMELO<sup>+</sup>ENTRAR<sup>(!)</sup> RICO<sup>(?)</sup>  
ENTRAR REINO-DEUS NÃO<sup>(SINAL, CL ou ENM)</sup>

Dessa forma, podemos notar que este método pode e deve ser aplicado para qualquer gênero literário. No entanto, vale lembrar que é necessário, antes de tudo, definir qual é esse gênero. Portanto, para maior clareza, proporemos a seguir algumas regras básicas para o trabalho do profissional intérprete em língua de sinais.

### **3.3 Regras básicas para interpretação em Libras.**

Como referência para o procedimento de tradução e interpretação em Libras, gostaríamos de assinalar que a preocupação em não utilizarmos o “português sinalizado” é fundamental, e isso somente ocorrerá quando efetivamente começarmos a pensar em Libras. Esse é um fato desejado no aprendizado de qualquer outra língua. O fluente em língua inglesa, por exemplo, pensa em inglês e não em português; pois o falar uma segunda língua se torna tão natural quanto o falar em sua língua materna.

Porém, essa capacidade somente pode ser alcançada se seguimos algumas orientações fundamentais. Uma delas é, sem dúvida, como já destacamos, conhecer muito bem a sua língua materna e, é claro, também sua segunda língua escolhida. Assim, como não basta apenas conhecermos palavras da língua inglesa para sermos falantes dela, também não nos basta saber todos os 13.500 verbetes em língua de sinais para “falarmos” em Libras.

Como sabemos, aprendemos a falar uma língua materna porque, desde o ventre da mãe, nosso desenvolvimento já envolvia o ouvir vozes da própria mãe, do pai, enfim, sons e falas do mundo ao nosso redor. Portanto, não há uma fórmula mágica não natural, mas podemos traçar aqui, além do apoio dessa nossa proposta metodológica, algumas regras básicas:

1. Aprender bem a Libras. É fundamental passar por um curso com no mínimo 120 horas, ministrado por um professor “com proficiência no ensino de Libras”. Com isso, espera-se adquirir os conceitos básicos da comunicação em sinais. Concomitantemente, é necessária a aquisição de uma boa carga lexical. Segundo nossa experiência no ensino de Libras, consideramos necessário um grupo mínimo de sinais, entre 800 a 1000 verbetes para essa carga horária.

2. Aprender a pensar em Libras. A convivência com a “cultura surda”, isto é, a comunicação e a prática no uso da língua com o surdo nos proporcionam os mesmos resultados obtidos no método conhecido como “immersion course”<sup>39</sup>, oferecido em boas escolas de língua inglesa. Isso ocorre porque somente a prática poderá concretizar o aprendizado, sendo importante lembrar que o domínio da língua materna, no nosso caso a língua de portuguesa, é parte fundamental desse processo e, como já dissemos, para a aquisição de uma segunda língua, o domínio da primeira é obrigatório.
  
3. Nunca usar a língua oral e a língua de sinais ao mesmo tempo. Não é possível, pelo menos no que se refere ao uso correto da gramática da língua de sinais, pensar numa língua e falar em outra. Vemos muitos intérpretes despreparados dizendo que são ‘capazes’ de falar em português e “fazer” Libras ao mesmo tempo. Quando utilizamos esse recurso, automaticamente estamos apenas fazendo com que o nosso cérebro processe o que estamos expressando oralmente para sinais manuais, e isso nada mais é do que o português sinalizado. Basta também observarmos que tal intérprete faz o mesmo número de sinais iguais ao número de palavras que ele está pronunciando. Isso denota, enfim, o uso da Língua de Portuguesa, e não a Libras.
  
4. Expresse-se com o corpo. Como vimos, não basta somente saber sinais, é também comum encontrarmos pessoas que dizem que não conseguem falar em Libras e fazer expressões faciais e corporais, por timidez ou outro bloqueio, ao mesmo tempo que garantem saber bem a língua de sinais. Infelizmente, isso também não é verdade. Se há essa dificuldade, faz-se necessário um treinamento específico com profissionais da área; pois, como vimos, as expressões não manuais são constituintes da gramática em Libras. Sabemos que esse recurso traz também benefícios para nossa própria comunicação interpessoal como um todo. Birdwhistell (1970, apud

---

<sup>39</sup> “Curso de imersão, significa um tipo de curso em que o aluno é exposto ao idioma com muito mais intensidade do que pode ser alcançada em uma situação de aula típica. Falando, praticando e simulando diferentes atividades, mas com um nativo na língua alvo (tradução nossa)”. Original em inglês disponível em: <<http://www.bravatraining.com.br/en/cursos/imersao/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

DAVIS,1979) concluiu, mediante suas pesquisas, que a importância do léxico na comunicação entre as pessoas é apenas indireta, pois a maior parte da comunicação se processa em um nível abaixo da consciência. Segundo ele, somente 35% do significado social de uma conversa corresponde às palavras pronunciadas, os outros 65% seriam próprios dos canais de comunicação não verbal.

5. Para cada gênero há uma interpretação. Todo enunciado possui características linguísticas próprias. Pensar em tradução significa pensar em transmitir da melhor maneira possível a informação de uma língua para outra. Assim, não se pode conceber que, para traduzir uma notícia de jornal, o método tradutório seja o mesmo que utilizamos ao traduzirmos uma leitura bíblica. Cada um possui seus contextos socioculturais, figuras de linguagens e léxico próprios. Portanto, o bom intérprete, sempre que possível, se prepara antecipadamente para um evento tradutório, inteirando-se desses aspectos, a fim de proporcionar ao seu público alvo clareza e a segurança de que a fonte da tradução será transmutada o mais fielmente possível.

Enfim, o estudo e a prática constantes devem sempre fazer parte do dia a dia do TILS. Não há um limite nem um currículo padrão mais indicado. Por isso, o que esperamos com nossa proposta é tornar esse processo de aprendizagem mais suave. Podemos afirmar que é uma linda profissão e que nos enche de orgulho, pois não é um simples trabalho, antes é um privilégio executar uma atividade profissional que promove a inclusão social. Os resultados obtidos com esse método têm sido muito satisfatórios, por isso já estamos produzindo um modelo de aplicativo em forma de software com estas mesmas funções. É fato que há muito ainda a ser aperfeiçoado, e também estamos certos de que nenhum método substituirá a vivência e a prática com a comunidade surda. Porém, continuaremos nesta caminhada, objetivando solidificar conceitos e ir além de métodos coadjuvantes.

## CONCLUSÕES

No desenvolvimento de nossa proposta, apresentamos os conceitos teóricos de duas modalidades diferentes de línguas: a Língua Portuguesa e a Libras. O objetivo foi evidenciar as similaridades no que se refere às dificuldades encontradas pelos intérpretes. Mostramos ainda que, quando eles se deparam com a questão dos gêneros textuais literários, especificamente o gênero bíblico, as dificuldades são ainda maiores. Ao compararmos a língua de sinais à Língua Portuguesa, facilitamos esse processo visando atingir nosso objetivo final: a melhor tradução ou a tradução adequada. Ficou claro que o conhecimento profundo tanto da língua materna como da língua alvo são a base para a aplicação de qualquer técnica tradutória; caso contrário, incorremos no perigoso caminho da desconstrução de sentido. A aquisição desse conhecimento não se restringe ao simples aprendizado das línguas envolvidas, mas necessita de um amplo e qualitativo processo de absorção de contextos sócio-históricos e culturais que envolvem as duas línguas, as quais são diferentes, mas ocupam, com igual importância, o mesmo lugar na sociedade.

Nossa fundamentação teórica proporciona ao profissional intérprete da língua sinalizada a possibilidade de reconhecer aspectos linguísticos comuns, os quais, para muitos, parece não existirem. Esse fato é compreensível, pois ambos os personagens desse dialogismo falam, porém um utiliza a voz, e o outro as mãos.

Vimos que, ao abordarmos as teorias da tradução, com o objetivo de tornar o processo tradutório uma ação menos penosa, e apoiados pelos pressupostos teóricos apresentados, pudemos distinguir duas modalidades tradutórias: a “literal” e a “livre”. Discorrendo sobre esses conceitos e seus fundamentos, verificamos que não podemos permitir teorias equivocadas como as que consideram qualquer tradução aceitável. Se acatarmos essa premissa, nossa função primeira, que é a de traduzir, já nasce imperfeita. Vale lembrar ainda que nossa função é social, inclusiva, e se tornará monótona e ineficiente se negarmos sua complexidade.

Sem observarmos as regras propostas, as “pedras no meio do caminho” se tornam ainda maiores quando a questão da tradução de textos religiosos está envolvida. De fato, as figuras metafóricas bíblicas são um recurso que obriga o profissional intérprete a analisá-las com maior atenção, já que não se trata apenas de interpretar ou traduzir, mas de revelar dogmas de fé.

Propusemos, então, a partir de regras básicas, a análise do gênero discursivo da língua de partida, tendo como foco as metáforas bíblicas empregadas por Jesus. Optamos pela metáfora conceptual, que é uma forma convencional de conceituar, muitas vezes de forma inconsciente, o âmbito de uma experiência humana em termos de outro âmbito semântico. As expressões metafóricas retratam a ideologia e a concepção de mundo de indivíduos inseridos numa determinada cultura.

Descrevemos uma sequência de passos ou procedimentos que torna esse “caminho” mais suave, proporcionando ao tradutor e intérprete da língua de sinais um método que permita uma correspondência mais fiel entre o texto sagrado e o seu enunciatário que, no nosso caso, “vê” aquele texto.

Dessa forma, poderemos ser fiéis ao traduzir, mediante as figuras de linguagem, o que Jesus realmente falou. Por isso, a pergunta que devemos fazer é: como podemos mudar o que Jesus falou? Possivelmente, ao optarmos por traduzir a metáfora para uma linguagem mais literal, estaremos incorrendo no erro de impor nossa interpretação pessoal ao texto bíblico e, dessa forma, alterar o real sentido.

Muitas vezes, o intérprete não tem sequer os conhecimentos necessários para levar em conta a contextualização das mensagens bíblicas que estão sendo traduzidas. Nesse caso, a tradução poderá ser desastrosa. Por exemplo: como interpretar adequadamente o “bom pastor” se o tradutor não conhecer a fundamental importância do pastor para as ovelhas, bem como o Salmo em que Davi afirma: “O Senhor é o meu Pastor; nada me faltará.” (Sl 23:1). O que aí está implícito é que há uma clara alusão ao pastor do Salmo, que é Deus, e Jesus Cristo, que se declara como bom pastor. O que une as duas afirmações (Eu sou o bom pastor/ O Senhor é o meu pastor) é o termo metafórico “pastor”. Se o intérprete ignorar esse termo e substituí-lo por outro, o significado ficará perdido. No entanto, ao ser fiel à metáfora que ilustra o texto bíblico, qualquer intérprete poderá interpretá-la, cabendo ao público que “vê” o texto decifrar o seu sentido.

Com essa nossa proposta, não temos a pretensão de restringir as possibilidades tradutórias e escolhas dos TILS; ao contrário, oferecemos aqui uma base que os auxiliem nessa tarefa, que por vezes parece utópica.

Estamos convictos de que a ferramenta que expusemos neste trabalho permite uma tradução mais adequada, embora saibamos que esta nunca será totalmente fidedigna. No entanto, permitirá aos surdos contemplarem as metáforas empregadas por Jesus, sem correr o risco de subtrair delas a beleza e o profundo significado que

contêm. Cremos que as metáforas imprimem força e colorido às mensagens proferidas por Jesus, e corroboram a permanência de seus ensinamentos. De fato, o discurso de Jesus era ao mesmo tempo simples e complexo, pois até os mais humildes podiam entender suas palavras, embora poucos pudessem apreender o sentido de suas metáforas.

É preciso lembrar que, na experiência da fé, a compreensão não depende apenas do intérprete, mas da sensibilidade de quem recebe as palavras de Jesus Cristo. Assim como ocorre com o ouvinte que, ao ler o texto bíblico, precisa interpretá-lo, também caberá ao surdo encontrar sentido nas metáforas exteriorizadas pelos TILS. Em síntese, a interpretação das metáforas deve ter como objetivo ser o mais possível fidedigna ao termo escolhido (o domínio-fonte), para que o âmbito semântico que o caracteriza possa esclarecer o conceito a ele relacionado (o domínio-alvo). Cremos que esse é o papel do tradutor. O mais é uma questão de fé daquele que, ao receber o texto, é capaz de apreendê-lo e de transformar sua visão de mundo, seja ele surdo, seja ele ouvinte.

## REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. de A. **De sinal em sinal**: comunicação em Libras para educadores. São Paulo: Editora Duas Mãos, 2008.
- AMORIM, L. M. **Tradução e adaptação**: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: UNESP, 2005.
- ANDRADE, C. D. de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.
- BANDEIRA, M. **Andorinha, andorinha**. 4. ed. Organização Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Global, 2015.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BASSNETT, S. **Estudos da tradução**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BASTIN, G. Adaptation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, 2008.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American sign language. **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1-19, 1974.
- BERTHIER, F. The deaf before and since the Abbé de L'epée. In: LANE, H. (Ed.) **The deaf experience**: classics in language and education. Washington, DC, Gallaudet University Press, 2006. cap. 7, p. 163-203. Tradução do original francês para o inglês publicado em 1840 por PHILIP, F. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1984.
- BÍBLIA Sagrada. **Tradução da versão dos Monges de Maredsous** (Bélgica). São Paulo: Claretiana, 1993.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua brasileira de sinais Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 14 maio 2017.

BRITTO, P. H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, G. B. (Org.). **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002. p. 54-67.

\_\_\_\_\_. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo**: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2013. 2 v.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, G. J.; MARTINS, A. C. **Dicionário da língua de sinais do Brasil**: A Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017. 3 v.

CASSIDY, A. Shopping for One. In: **British Short Stories of Today**. London, England: Penguin Books, 1987.

CATFORD, J. C. **Uma Teoria linguística da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1980. Tradução Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

CUPELLO, R. C. M. **A linguagem do meu filho**. Rio de Janeiro: Revinter, 1993.

DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto Curso Básico Livro do Professor**. 6. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FLOOR, S. J. Four bible translation types and some criteria to distinguish them. **Journal of Translation**, v. 3, n. 2, p. 1-22, 2007. Disponível em: <<http://ftp.sil.org/siljot/2007/2/49507/siljot2007-2-01.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2017.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II - Idade Média. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p. 9-28, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6195/5754>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1997.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009. v. 1.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ, 2002.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITE, T. de A. **A Segmentação da língua de sinais Brasileira (LIBRAS)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MAGALHÃES JUNIOR, E. **Sua Majestade o Intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. **O fenômeno de ser intérprete**. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. Estudos Surdos IV, Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. p. 394-406.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter Ltda., 2000.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall, 1988.

NORD, C. **Text analysis in translation**: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis. Tradução Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 1991.

\_\_\_\_\_. **Translating as a purposeful activity**: functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

PIXINGUINHA; JOÃO DE BARRO. **Carinhoso**. 1937. Disponível em:  
<<https://www.letras.mus.br/pixinguinha/358582/>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

POLLICK, A. S.; DE WAAL, F. B. M. Ape gestures and language evolution. **PNAS**, v. 104, n. 19, p. 8184-8189, 2007. Disponível em:  
<<http://www.pnas.org/content/104/19/8184>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

QUADROS, R. M. de. Gramática da frase da língua de sinais brasileira: os traços de concordância. In: CVEJANOV, S. B. (Org.). **Lenguas de señas**: estudios de lingüística teórica y aplicada. Neuquén: EDUCO, 2007. v. 1, p. 63-82. Disponível em:  
<<http://rdi.uncoma.edu.ar/bitstream/handle/123456789/1570/Sandra%20B.%20CVEJANOv%20lengua%20de%20se%C3%B1as.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REISS, K. Type, kind and individuality of text: decision making in translation. In: VENUTI, L. (Ed.) **The Translation Studies Reader**. London/New York: Routledge, 2000. cap. 12, p. 160-171. Disponível em:  
<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.464.601&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

REVUZ, C. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio**. In: SIGNORINI, I. (Org.). Língua(gem) e Identidade. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 213-230.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1987.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem pelo mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neolingüísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, S. D. **A última Páscoa de Jesus e a Santa Ceia**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Cadernos da Pós-graduação, v. 11, n.1, p. 90-104, 2011. Disponível em:  
<[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Mestrado/Letras/Volume\\_11/A\\_Ultima\\_Pascoa\\_de\\_Jesus\\_e\\_a\\_Santa\\_Ceia.\\_Sonia.Atualizado.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Letras/Volume_11/A_Ultima_Pascoa_de_Jesus_e_a_Santa_Ceia._Sonia.Atualizado.pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2018.

SARDINHA, T. B. **METÁFORA**, São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, F. **Natureza do signo linguístico**. In: SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus. 2001.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 7-32.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics**, Buffalo, 1960. (ocasional papers, n. 8).

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. 300 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TOMAZ, P. C.; PELEGRINI, S. de C. A. A celebração da Páscoa judaica e as tradições culturais: simbologia e significado. **Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades** – ANPUH, 2008. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Tomaz,%20Paulo%20Cesar.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

VÁZQUEZ-AYORA, G. **Introducción a la traducologia**: curso básico de traducción. Washington: Georgetown University, 1977.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. **Comparative Stylistics of French and English**. A Methodology for Translation. Translated and edited by Juan C. Sager and M.-J. Hamel. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WILCOX, P. P. **Metaphor in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.